



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Artes - IdA

Programa de Pós-Graduação em Arte

CARTOGRAFIA POETICOATIVISTA

MARINA MARA DA SILVEIRA CHAVES

Brasília, 2019

CARTOGRAFIA POETICOATIVISTA

Dissertação apresentada ao programa de Pósgraduação do Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais. Área de concentração: Arte e Tecnologia.

Orientadora: Prof. Dr. Suzete Venturelli



Universidade de Brasília



INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARTE APRESENTADA AOS
PROFESSORES:**

Professor (a) Dr. (a). Suzete Venturelli (VIS/UnB)
ORIENTADOR (A)

Professor (a) Dr. (a). Daniela Favaro Garrossini (VIS/UnB)
MEMBRO INTERNO

Professor (a) Dr. (a). Edgar Silveira Franco (UFG)
MEMBRO EXTERNO

Vista e permitida a impressão
Brasília-DF, sexta-feira, junho 28, 2019

Coordenação de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes / UnB.

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a cada pessoa que se fez presente em meu caminho poético cartografado até aqui. Minha família, meus amigos, meus amores, aos colegas de sala e sonho, aos meus mestres na UnB, em especial Suzete Venturelli (orientadora amorosa e inspiradora) e Daniela Garrossini (companheira de luta e sonho). Dedico essa conquista a todas as mulheres periféricas, minhas ancestrais e às que lutaram para que hoje pudéssemos germinar e flores ser.

RESUMO

A dissertação CARTOGRAFIA POETICOATIVISTA é uma análise poética e política sobre os mais de cem projetos de inclusão social e literária que realizei pelo país até a defesa desta dissertação de mestrado, com ênfase no meu ativismo social e no surgimento do aplicativo PoemApp – O Mapa da Poesia do Brasil. O app nasceu na Universidade de Brasília e teve a professora Suzete Venturelli como doula tecnológica e entusiasta amorosa.

Palavras-chave: Cartografia, ativismo social, poesia, aplicativo.

POETIC-ACTIVIST CARTOGRAPHY is a poetic and political analysis of the more than one hundred social and literary inclusion projects carried out by the country up to the defense of this master's thesis, with emphasis on my social activism and the PoemApp - Poetry Map of Brazil. I created the app at the University of Brasilia, which had Professor Suzete Venturelli as a technology doula and love enthusiast.

Keywords: Cartography, social activism, poetry, application.

“Sumário-poema”

Quando a poesia me intimou a flores ser	(11)
Fui em busca de minhas raízes e meu chão	(13)
E me vi uma ativista da poesia e do amor	(33)
Do sonho acordada que inspira a ação	(36)
A partir do peito para nossa comunidade	(38)
Me nutro dessa rica mistura de culturas e saberes	(40)
Tão reais e digitais em nossa sociedade	(42)
Onde pixels e paixões pintam paisagens	(47)
E as paradas poéticas são obrigatórias	(64)
Nem que sejam no sanitário público	(66)
Ou no meio do caminho de Drummond	(69)
Ser poeta é profissão e também missão	(73)
É cartografar a poesia em cada passo	(75)
É parir versos e mandar para o mundo	(78)
Nas ruas e muros por onde passar	(78)
Em cada verso que minha boca falar	(84)
Ou minha máquina teimar em escrever	(84)

Introdução

Venderam meu país

Com todo mundo dentro

Pro Tio Sam foi o Pré-sal

E o povo para experimento

Comendo veneno à mesa

Quando lá há refeição

E parindo seus rebentos

Com má formação

O corpo da mulher

Virou massa de manobra

Desde a falácia de Adão

Que por conta de uma cobra

Nos reduziu a uma só costela

Quando somos é constelação

Nos deram espelhos com antenas

E doente ficou a vista e o coração

Por se achar branco no Brasil

E imitar a gringa da televisão

A culpa não é do mosquito

A culpa não é da vítima

A culpa não é do pobre

A zica vem dessa corja

Que se intitula nobre

Sendo na verdade

O nosso algoz

Mas enquanto

A mídia encobre

O povo vai pra rua

E agora com uma só voz

É nós por nós!

Brasília, março de 2019, chegada da lua cheia em áries e do equinócio de outono... ritual. Um dos momentos mais mágicos da noite foi ver em meio à bruma que se formava de fumaça e luar as várias Marinas que já fui até aquele momento. Próxima à fogueira a Marina menina carregava a Marina bebê nos braços. A Marina adolescente de boné aba reta segurava a mão da Marina adulta e a Marina universitária segurava a mão da Marina ativista, que segurava a minha. Elas me olhavam com tanto amor que meu coração se dilatou para que pudesse caber em si. Então, cada Marina lentamente caminhou para dentro do meu peito sussurrando palavras que acalmavam meu espírito... “vai passar, calma, vai passar”, diziam. Naquele momento ao pé da fogueira me senti uma boneca russa, uma Matrioska preche de si e que deu à luz ao contrário. Assim como as Matrioskas, as cigarras também “dão à luz a si mesmas” quando fazem a troca do exoesqueleto que não as cabe mais... hoje soul cigarra. Nas páginas a seguir me metamorfoseei em cigarra pelo olhar e pelos traço do artista Renato Moll para contar parte da minha história. A escolha de Moll se deu por sua trajetória na arte urbana com mensagens sociopolíticas que conversam com os temas de meus poemas e projetos. Renato Moll é desenhista, pintor e animador brasileiro. Em sua carreira, busca fomentar

posturas equilibradas no planeta, dar movimento, imersividade e interatividade à sua obra, somar-se a grupos, coletivos, projetos e iniciativas que visem a sustentabilidade, a difusão da cultura, o fazer artístico, o desenvolvimento tecnológico associado aos saberes tradicionais e o empoderamento do povo – em especial às pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Quando iniciei minhas pesquisas sobre cartografia, percebi os vários caminhos pelos quais eu poderia percorrer e mapear até chegar à fagulha inicial da criação do aplicativo PoemApp - O Mapa da Poesia do Brasil e daí à conclusão de meu mestrado em Arte e Tecnologia. Um desses caminhos é falar de uma cartografia biopolítica (controle do estado sobre os indivíduos) que me privava de aparelhos culturais nas comunidades periféricas nas quais morei e escolas nas quais estudei. Seria essa falta de acesso cultural a gênese da criação do PoemApp e dos demais projetos literários?

Esta dissertação é uma cartografia e ao mesmo tempo um dossiê de minha obra e poética e ativista até agora. Cada assunto abordado a seguir tem um subtítulo em forma de verso, o mesmo que se encontra no “**Sumário-poema**” acima, formando um poema único que resume minha história e indica a página na qual se encontra o tema.

O primeiro capítulo (ou capítulo de apresentação) é “**Quando a poesia me intimou a flores ser**”, os dois capítulos a seguir “**Tão reais e digitais em nossa sociedade**” e “**Ser poeta é profissão e também missão**” são dedicados a contar detalhes de alguns projetos e leituras acerca dos temas abordados, seguidos do capítulo “**E agora, Cora?**” (ou conclusão) e as “**Fontes de Inspiração**” (ou Referências Bibliográficas).

Poesia, sonho, suor, lágrimas, riso... sejam bem-vindos ao meu uni-verso.

Quando a poesia me intimou a flores ser



Após mais de uma década dedicada à realização de projetos que visam a popularização da poesia, observei a enorme distância entre esse gênero literário e a maioria das pessoas, principalmente nas classes menos favorecidas economicamente.

Ao pesquisar sobre a criação de aplicativos notei que a maioria dos idealizadores dos apps os desenvolveu por uma necessidade particular e que poderia ser útil a outras pessoas também.

Outro caminho utilizado para cartografar essa andança foi um olhar sob um viés mais crítico, como povo e não mais como massa de manobra política, como protagonista de minha própria história em tempos de indústria cultural de massa e “fake news”. Porém, o termo Cartografia Poética me saltou ao coração e assim me tornei voyeur de minha própria história, cartografando meus passos como um relógio que corre para trás a partir do nascimento do PoemApp que teve a professora Suzete Venturelli como doula tecnológica e entusiasta.

Esta dissertação tem como foco cartografar os projetos que realizei na última década e minha atuação na cena literária e poética do Brasil. A pesquisa tem foco em cartografia, poéticas interativas, novas linguagens e métodos computacionais para a comunicação e difusão da cena literária nacional a partir de uma ética mercadológica mais sustentável, inclusiva e contemporânea.

Desde 2006 respiro poesia o dia todo, sem folga, sem férias, sem feriado ou horário de almoço. A poesia é meu trabalho, minha vida e meu sorriso, por isso não sinto que esteja trabalhando, mas sim me divertindo. Minhas chuvas de ideias geralmente são realizadas em um balanço embaixo de uma mangueira na companhia dos animais da chácara na qual resido-trabalho. Os cães e gatos e pássaros e saguis a minha volta nem desconfiam que aquele vaivém do balanço faz parte da gênese de um importante projeto sociocultural que passará por um percurso longo, burocrático, com desgastes emocionais e financeiros para, com sorte, se concretizar em poesia algum tempo depois. Sorte a deles. E sorte a minha por saber que esse esforço vale à pena e o voo.

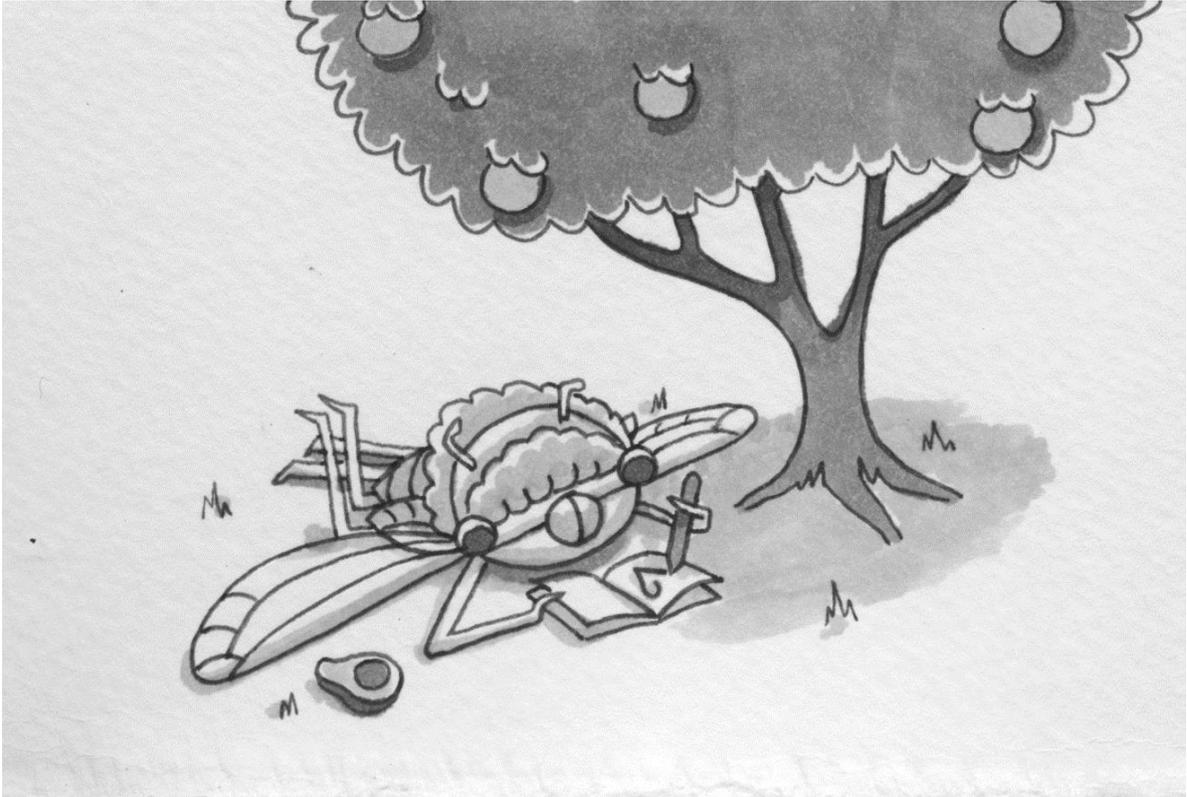


Meus projetos pelo Brasil e repercussão na mídia

Fui em busca de minhas raízes e meu chão

Esta manhã despertei
 Com um beijo na testa
 E o raiar de um sorriso
 Tão solar quanto íntimo
 A menina de olhos e cachos
 Cor de mel trazia consigo
 Uma sacola com sonhos
 Esquecidos e fotografias
 Ela pegou minha mão
 E me levou até meu quintal
 Da infância em Taguatinga

*A trilha para o telhado
Era tão familiar quanto
O caderno avermelhado
De poeira do cerrado
No qual escrevia a lápis
Os meus primeiros versos
Aquele telhado frágil
Foi meu universo um dia
Tudo era céu e sonho
Com asas de poesia
E todo o meu tesouro
Se resumia ao que
Lá eu escrevia
Assim como o sabiá
A menina sumiu no
Farfalhar do abacateiro
Deixando para mim a sua
Sacola de sonhos esquecidos
E fotografias revelando aquela
Que não tive mais tempo de ser
Aquele menina sou eu em mim
Sem ilusões e muitos sonhos
Sem pretensões e dias risonhos
Dias solitários sem doer
Assistindo as nuvens no céu
Cercada por seu tesouro
Um lápis e um papel*



Quando eu ainda era muito jovem minha irmã (e professora de vida) Ana Cristina disse: “para saber quem somos e qual a nossa missão aqui neste mundo basta descobrir o que mais gostamos e o que menos gostamos, usando o primeiro para combater o segundo. No meu caso, o que mais gosto é a poesia e seu poder de lapidação humana e o que meno gosto é injustiças sociais e desumanas, logo me vi como uma poeta-ativista-social. Nesse momento entendi a poesia como a ferramenta mais potente que eu tinha à mão para lutar pelo meu direito de viver em um mundo mais humano, justo e mais bonito. Poesia é guerrilha.

Segundo Robert Atkins, no artigo Política, participação e significado na era da mídia de massa, os limites da liberdade nas expressões artísticas inexistiam nesse cenário ocidental de pós guerra sedento de vida e voo. As experimentações flanavam pelo subjetivo, pelo escatológico, pelo bizarro e pelo quartinho obscuro onde habitam os tabus de cada ser. Desestruturar o mundo institucionalizado da arte era o foco da contracultura e das experimentações artísticas da época. As obras e ideologias estavam geralmente propondo discussões acerca de causas sociopolíticas urgentes como o racismo, o meio ambiente, a homofobia, o feminismo, contrapondo o mundo institucionalizado da arte.

Em 1960, já com as primeiras exibições televisionadas para a grande massa foi percebido o enorme potencial de persuasão da TV para interesses políticos e comoção social, visto a chegada do humano à lua, a guerra do Vietnã e o assassinato de J.F. Kennedy. O termo “menos que realidade” era a retórica da época que norteava a programação televisiva para os interesses institucionais sejam eles locais, por meio de emissoras filiadas, ou internacionais. Na busca de reforçar uma identidade moderna, um way of life mercadologicamente interessante às emissoras e seus anunciantes, as produções televisivas se apegavam mais à forma que ao conteúdo, que muitas vezes era vazio ou enviesado por interesses da emissora.

É nesse cenário político apoiado pelos meios de comunicação que surge a contracultura com força total e coloca em pauta assuntos antes invisibilizados pela sociedade. Se a política é a relação entre indivíduo e sociedade, logo não há como dissociar o trabalho artístico da política em nossa cultura visual. Esse poder de persuasão dos artistas junto às grandes massas foi fator decisivo para o sucesso de campanhas por causas humanitárias, em especial a AIDS e o meio ambiente, assuntos mais que urgentes à época.

A epidemia de AIDS que se intensificou nos anos 80 teve o apoio de artistas visuais que criaram símbolos de apoio aos gays e aos soropositivos. O mais conhecido é um triângulo rosa, o qual os Judeus gays eram obrigados a usar nos campos de concentração. Os artistas inverteram o triângulo e inseriu os dizeres: SILENCE=DEATH. Esse triângulo foi largamente utilizado como símbolo de luta pela vida. Nos anos 70 ativistas gays se apropriaram do triângulo como símbolo de sua militância.

Com o advento da internet e das redes sociais o conceito de apoio e pertencimento acompanha a mudança dos tempos. Fazer parte de uma rede, dar likes no Facebook ou compartilhar posts diz muito sobre o usuário, seu networking e a “bolha virtual” da qual ele faz parte. Redes como MySpace, Instagram, YouTube são uma enorme base de dados que estimula e representa os hábitos e preocupações de seus usuários. Em contrapartida, esse rápido poder de persuasão e propagação de ideologias na era digital propiciou o surgimento das “fake news”, ou seja, notícias falsas propagadas para atender a interesses sociopolíticos.

Devido a essa avalanche de informações de fonte duvidosa, o papel do artista se faz ainda mais importante politicamente. O humano pós-moderno na era digital é automatizado ou está em estado de paralisia emocional, mostrando-se cada vez mais individualista e menos empático. Essa letargia social é passível de ser quebrada pela persuasão crítica e psicológica de artistas que se colocam a favor de lutas humanitárias. Os artistas não devem somente promover formas alternativas de participação desse público apático, mas também cultivar a perspectiva crítica que garanta o engajamento individual ou coletivo nessas causas, principalmente por estarmos vivendo um momento no qual o significado de arte passou por um tortuoso tufão soprado pela força do capital global.

O termo “biopolítica” surgiu nos escritos de Foucault no livro “História da Sexualidade I – A vontade de saber” no qual o filósofo afirma: “o homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política” (FOUCAULT, 2012, p. 156). A biopolítica discute assuntos relacionados à vida, a natureza e o conhecimento, cujo desenvolvimento ao longo do tempo foi influenciado por interesses políticos e econômicos relacionados à indústria, a ciência e tecnologia. A biopolítica é um estilo de governo que regulamenta a população por meio do “biopoder”, ou seja, a aplicação do poder e interesses políticos sobre a vida humana.

Segundo Foucault, a sexualidade foi mudando de acordo com os interesses socioeconômicos de cada época. No início do capitalismo e gênese do “time is money” o foco no aumento da produção de bens de consumo significavam dinheiro no bolso do patrão, o sexo foi ligado a pecado, servindo somente para procriação em um lar dos cidadãos de bem, de preferência “temente a deus”. O sexo foi banido dos assuntos, virou assunto proibido para as crianças, tornou-se pecado. Porém, a sexualidade não foi reprimida nas sociedades burguesas e capitalistas, elas acompanharam os interesses da classe dominante sendo mais ou menos ardilosa como ferramenta de manipulação das pessoas. As “técnicas polimorfas do poder” adentra as mais intrínsecas formas de prazer sexual do humano, atuando em forma de recusa, desqualificação, bloqueio, preconceitos, homofobia, misoginia, racismo, entre outros.

Ainda na perspectiva de quebrar tabus acerca de nossos corpos por meio da arte, idealizei o projeto **Poesia Nua**. Após receber das editoras e editais alguns “nãos” e vários “qualquer coisa a gente entra em contato”, quinze poetas de Brasília tomaram uma decisão inusitada: posar nus em um calendário para arrecadar fundos para publicar seus livros. O projeto foi batizado de Poesia Nua e os poetas-modelos tinham, à época (2016), entre 19 e 61 anos. São homens e mulheres com diferentes vivências, mas com algo especial em comum: o amor à poesia.



Projeto Poesia Nua no Correio Braziliense

Com grande repercussão na mídia nacional, o Poesia Nua contou com 15 ilustrações que mesclam a arte do renomado artista britânico Banksy com a fotografia das brasilienses Estefânia Dália e Sabrina Moura. Os poetas participantes do projeto são: Ágata Benício, André Giusti, Aurea Valentina, João Pacífico, Lindha Torres, Maísa Arantes, Mana Gi, Marina Mara, Melissa Mundim, Paula Passos, Prem Supunya, Seirabeira, Tairo Loiola, Tati Carolli e Vanderlei Costa. No ano seguinte à ação foi

realizado o lançamento do livro digital Poesia Nua, contando com um sarau erótico em um bar de Brasília.

Imagens do calendario Poesia Nua. Arte de Marina Mara com ilustrações de Banksy



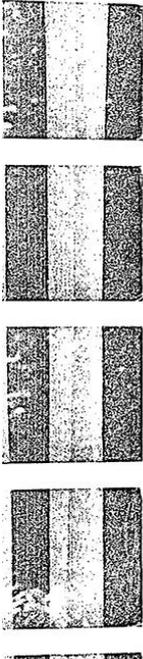


Fevereiro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
	1	2	3	4	5	6
	7	8	9	10	11	12
	13	14	15	16	17	18
	19	20	21	22	23	24
	25	26	27	28		

*vou, vou por amor!
o mar me chama
e o mar levou Carolina
doce, meiga, sensual
e viciada em amar demais*

Paula Passos



*às vezes
deito no chão
e entrego
meu coração
pra Terra
examinar*

Melissa Mundim



Janeiro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31





Março

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Até à mulher
mais boêmia
é blasfênea
reprimir
marina mata

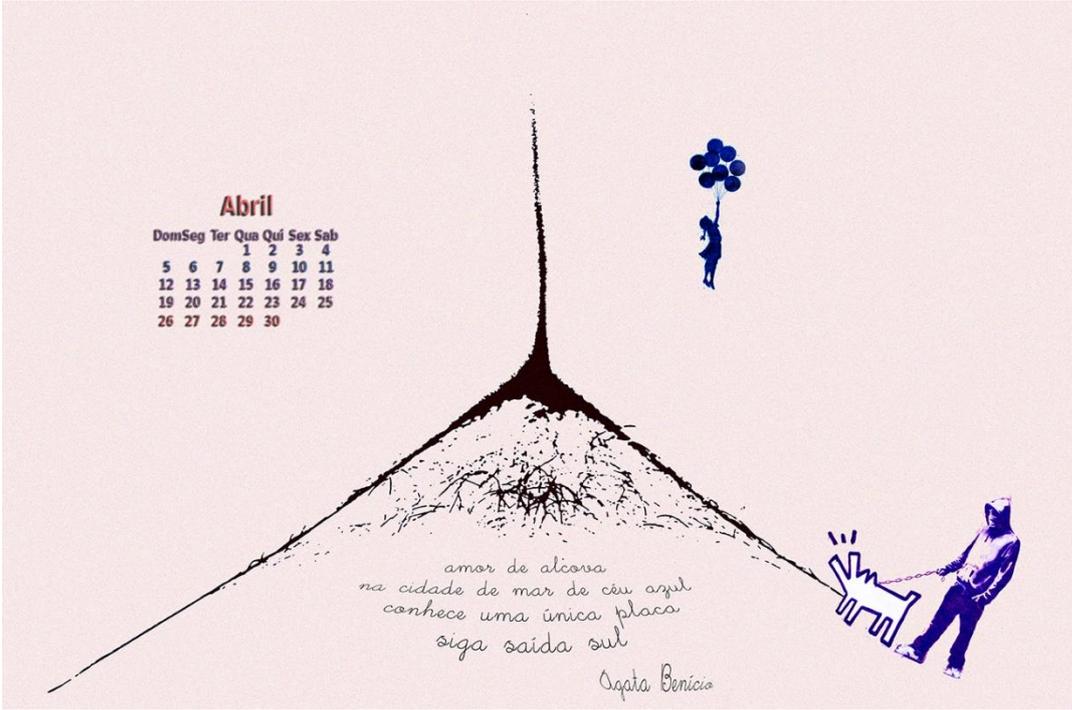


Setembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
	1	2	3	4	5	
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

*lua lua
cantar com
noite de lua deixa
minh' alma lua
cosmo nuvem
a dançar
no meio da
sua lua*

Lindha Correu





Agosto

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					



Novembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Junho

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

**NOS TROPECOS DOS
DESEJOS
INDO
BEM**

@evagarinho

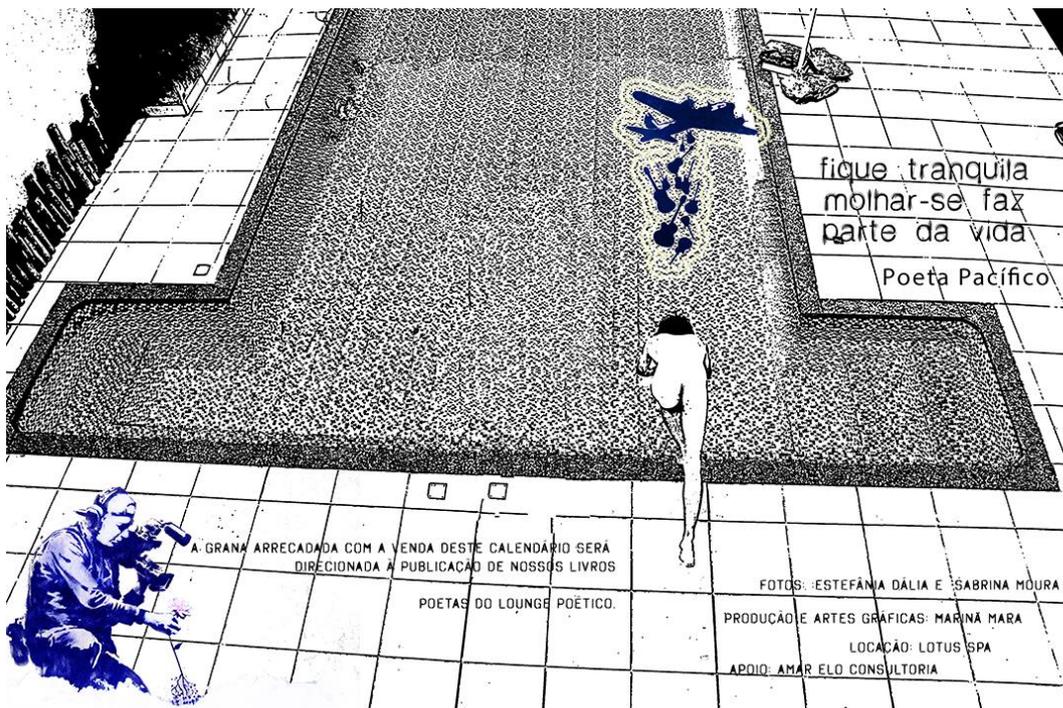
Aurea Valentina

Dezembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
	1	2	3	4	5	
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Pérola
Não guarde
rancor
No seu coração
de concha
No seu corpo
de Taiti
Guarde amor

Tati Carolli



A GRANA ARRECADADA COM A VENDA DESTE CALENDÁRIO SERÁ DIRECIONADA À PUBLICAÇÃO DE NOSSOS LIVROS

POETAS DO LOUNGE POÉTICO.

FOTOS: ESTEFÂNIA DÁLIA E SABRINA MOURA

PRODUÇÃO E ARTES GRÁFICAS: MARINÁ MARA

LOCAÇÃO: LOTUS SPA

APOIO: AMAR ELO CONSULTORIA

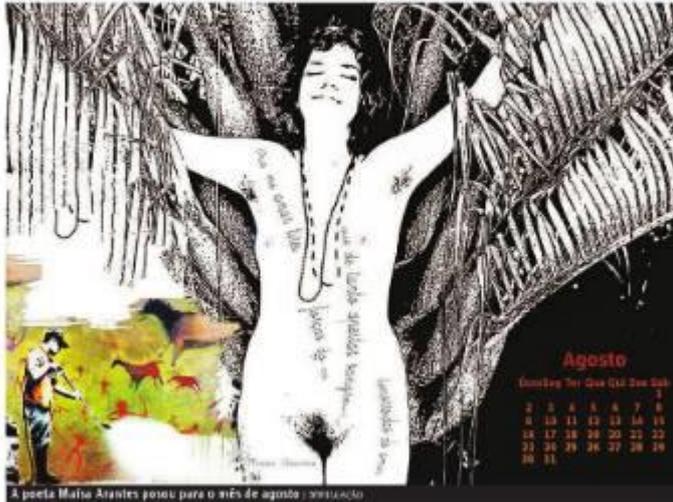


Poetas posam nus para financiar livros

O mercado editorial brasileiro não é muito aberto a novos autores. Com a intenção de romper com as barreiras das editoras e após ouvir várias negativas, um grupo de poetas brasilienses decidiu ir à luta – e pelados. Quinze poetas se uniram para posarem nus para um calendário que tem o objetivo de arrecadar dinheiro para financiar a publicação de livros de autoria deles.

“Não gastamos nem um centavo para produzir as primeiras 200 edições do calendário, foi tudo feito por amigos, o que vai ajudar a gente a arrecadar mais rápido o que for necessário para colocar nosso trabalho na rua”, conta a idealizadora do projeto, Marina Mara.

Além dela, 14 poetas entre 19 e 61 anos, participaram da criação do calendário. São eles: Ágata Benício, André Gatti, Aírea Valéria, João Pacifico, Linda Torres, Maísa Arantes, Mana Gi, Melissa Mundim, Paula Passos, Prem Supriya, Seirabeira, Tairo Lotola, Tati Caroll e Vanderlei Costa. “A sensação foi libertadora. A poesia é tão forte em nós que está acima de qualquer convenção”, afirma Marina.



A poeta Maísa Arantes posou para o mês de agosto. (JORNALISMO)

Noite de lançamento

O lançamento do calendário ‘Poesia Nua’ será hoje, no Balão Café (201 Norte), com autógrafos de todos os poetas participantes, além de um sarau. O calendário será vendido a R\$ 20 e o dinheiro arrecadado será direcionado ao lançamento da coletânea ‘Poesia Nua’, uma coleção de

15 livretos (disponíveis também em e-book) com poemas dos participantes. Com a ação, os participantes esperam chamar a atenção de grandes editoras para o trabalho literário desenvolvido em Brasília.

De acordo com a idealizadora, o processo de posarem pelados foi um divisor de

águas até na carreira dos participantes. “A gente estava com vergonha no início, mas após participar alguns mudaram seus enfoques temáticos, criaram heterônimos... Foi uma revolução”, conta a poeta.

Foto, poesia e Banksy

A ideia do calendário era passar uma prévia de como se-

15

poetas brasilienses participam do projeto do calendário. Toda a renda arrecadada será revertida para publicar livretos de autoria dos escritores

riam os livretos poéticos. As fotos dos poetas foram posteriormente tratadas e ganharam contornos de ilustração. Os fundos das imagens receberam grafites do inglês Banksy, além de um poema curto sobre posar nu – ‘Vista a lua / ou saia nua / a vida é tua’, rima Mana Gi.

As fotografias são de Estefânia Dália e Sabrina Moura e as ilustrações são da própria Marina Mara (que também é designer gráfica). A primeira edição é de 200 exemplares, mas a organizadora espera vendê-los todos esta noite. “Já tem mais pronto para sair.”

© METRO BRASÍLIA

Serviço

Balão Café (201 Norte).
 Lançamento hoje, às 20h.
 Entrada franca. R\$ 20.

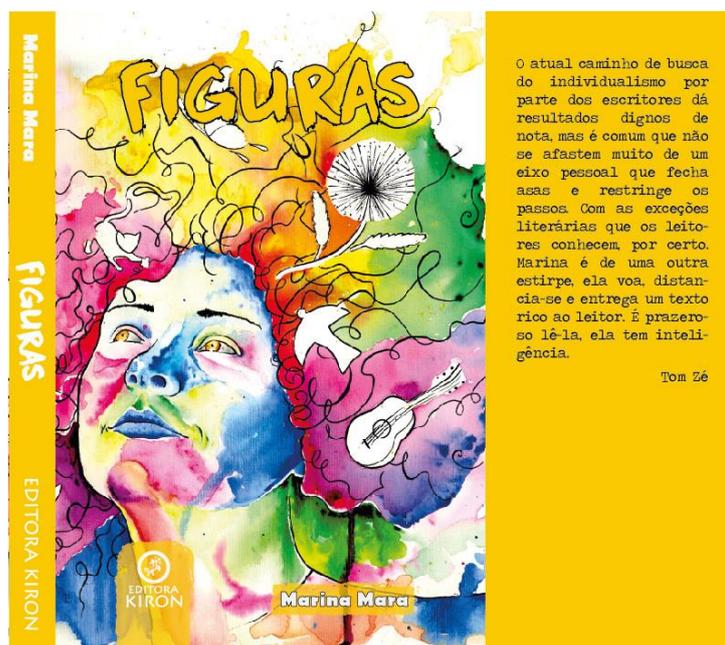
Lounge Poético

O Lounge Poético é um sarau-laboratório no qual artistas de todo o DF e de diversas áreas artísticas, principalmente da poesia, expressam sua arte e produzem seus projetos que vêm conquistando a atenção da cena literária do nosso país.

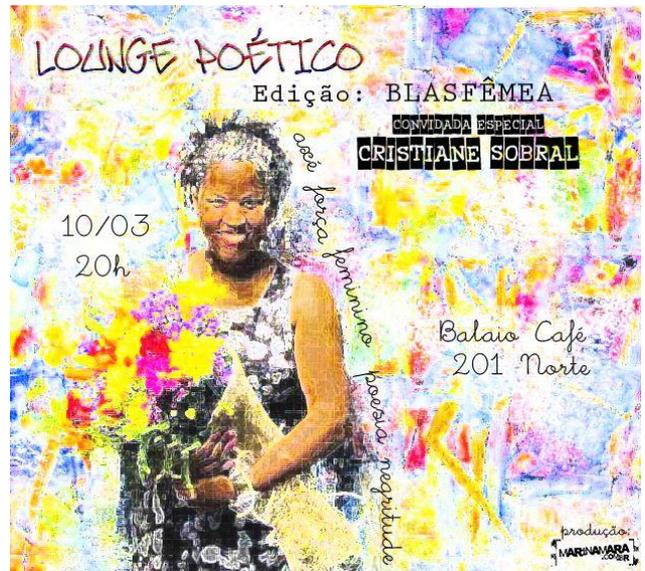
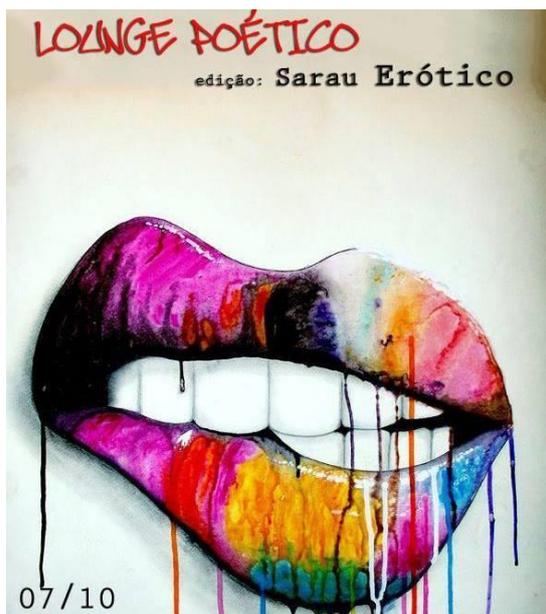
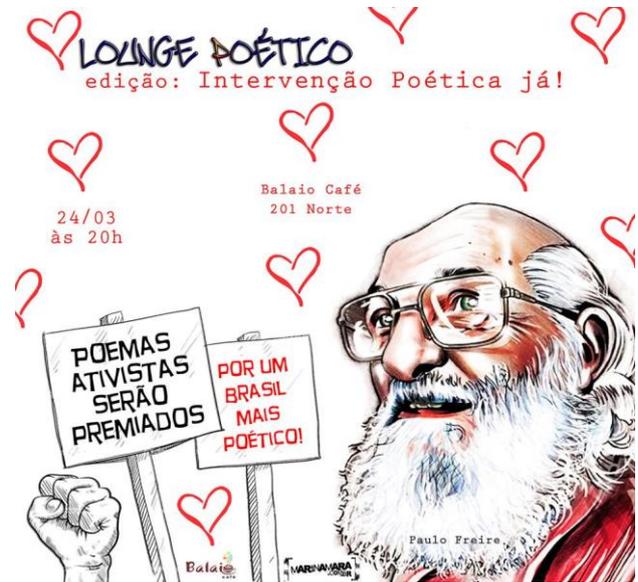
O Lounge Poético, que é um dos principais palcos literários de Brasília, nasceu no dia 22 de julho de 2014 e semanalmente conta com um grande número de pessoas em suas edições - cada uma com um tema diferente. O Lounge Poético tem como objetivo popularizar, apoiar e celebrar a poesia tão necessária em nossos corredos dias.

Semanalmente importantes temáticas eram colocadas em pauta no Lounge Poético, que também promovia o lançamento de livros de poetas e Brasília e de outros estados brasileiros. Em março de 2015, no Lounge Poético, lancei meu segundo livro, intitulado Figuras, no qual está presente o meu ativismo literário nos 123 poemas deste livro, que também presta homenagem a algumas "figuras" ímpares como Honestino Guimarães, Pagu, Patativa do Assaré, Fela Kuti, Leila Diniz, Laerte Coutinho, Manoel de Barros, Baden Powell, Reynaldo Jardim, entre outros seres imprescindíveis para nossa formação ideológica e poética. A ilustração da capa do livro é da artista paraibana erradicada em Brasília Têssia Araújo, que me pintou em aquarela rodeada de símbolos que representam alguns importantes projetos que realizei.

O prefácio do livro Figuras é de Tom Zé, extraído de uma publicação em seu blog em 2010 sobre uma crônica que escrevi e enviei a ele intitulada "O filho brasileiro de Frida Khalo e Trotsky". Na trama o tal filho é Tom Zé. Segue:



Artes gráficas para o Lounge Poético, designer gráfica Marina Mara



LOUNGE POÉTICO

edição: **BAGAGEM CULTURAL**

03/03

20h

NO BALAIÓ CAFÉ 201 NORTE

PRODUÇÃO MARINA MARA

DOE LIVROS INTERESSANTES PARA A BIBLIOTECA DO LOUNGE, ELES FALARÃO POR VOCÊ.

LOUNGE POÉTICO

edição: **Semana da Poesia**

no Balaió Café 201 Norte

CAVACO TRIO com Pedro Vasconcelos, Pedro Miranda, Sandro Souza

17/03 20h

palco aberto

sorteio de mimos

produção MARINA MARA

Pintura "Cabelos aos Céus" de Pedro Sangeon

LOUNGE POÉTICO

edição: niver da Dulcina de Moraes

03/02

20h

Balalio Café - 201 Norte

livre.

apoio Balaió Café

produção MARINA MARA

LOUNGE POÉTICO apresenta

Oficinas Poéticas

25/11 Thiago de Barros
Formas e fórmulas poéticas

26/11 Maísa Arantes
Voz, o instrumento do poeta

02/12 Silvia Marília
Coaching para artistas

03/12 Tereza Padilha
Interpretação de poesia

09/12 André Giusti
Escrita criativa e estilo

10/12 Marina Mara
Profissão Poeta

Garanta sua vaga pelo e-mail:
marinamara@gmail.com

18h às 20h
no Balaió Café
201 Norte

investimento
R\$ 30,00
cada oficina

apoio Balaió Café

amar elo

produção MARINA MARA

LOUNGE POÉTICO
Edição Orgulho

no Balaio Café
201 Norte

02/09
20h

artistas da cidade apoiando a liberdade!

apoiado por: VIGORA, funarte, L3, AIDS, PAU BRASILEIRO, Apoio Transporte, GDF, Falar, DIX, etc.

LOUNGE POÉTICO

edição:
Banca do Behr

todos os livros de Nicolas Behr a preços poéticos!

Balaio Café
201 Norte
20h

09/09

apoiado por: Balaio Café, amar elo, PAU-BRASILIA, produção MARINAVARA

26/08
20h

LOUNGE POÉTICO
edição: ANISTIA NO BRASIL

Balaio Café
TODAS AS TERÇAS NO BALAILO CAFÉ - 201 NORTE

apoiado por: Balaio Café, produção MARINAVARA

LOUNGE POÉTICO
edição: Independência de

Angola

11/11
20h

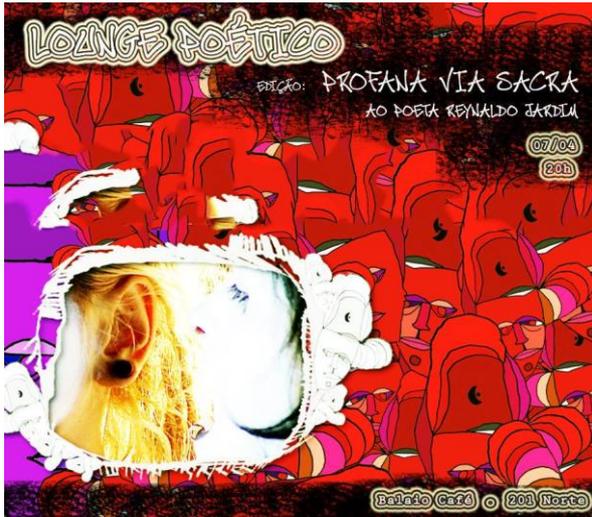
Fale um poema sobre a Angola e ganhe um Calendário-mimo 2015 assinado por Mangala Bloch!

Balaio Café
201 Norte

Microfone e Roda de capoeira abertos!

apoiado por: Balaio Café, produção MARINAVARA

entrada: um sorriso



traga sua arte.



E me vi uma ativista da poesia e do amor



Era junho e eu tinha uns nove anos de idade, talvez dez. Toda a molecada da rua estava sentada nas calçadas das casas, no asfalto e onde mais coubesse mais um cortador ou colador de bandeirola para a nossa festa de São João. Aquele ano era especial, pois teríamos a nossa própria barraca. Sem adulto por perto para dar ideias chatas.

Cada ingrediente para a canjica, a pipoca, o quentão (lê-se: chá de gengibre) foi “doação” das despensas de nossos pais. A estrutura da barraca foi feita com cabos velhos de vassoura, barbante e pedaços de tábua; já o teto era de folhas de bananeira. Um dos colegas trouxe uma extensão e um bocal para lâmpada.

O sol mal havia se posto e já estávamos todos lá, em nossa apertada barraca, disputando espaço com as iguarias juninas que havíamos preparado. Ela ficava bem no meio da festa, em frente à casa da Marbel. Sua mãe nos forneceu ponto de água e energia. E também um pouco de açúcar para acertar o ponto da canjica. A mãe de Marbel nos emprestou um pote de biscoitos vazio para que guardássemos o dinheiro.

Ela se ofereceu para guardar nosso rico dinheirinho para, com calma, fazermos a partilha no dia seguinte. Segundo ela, algum aproveitador poderia roubar da gente.

– “Oi, quanto é a pipoca?”

– “Putsgрила! (gíria da época) Vocês que fizeram a barraca sozinhos?”

– “Uau! Parabéns meninos. Me dá duas canjicas”.

– “(...) um quentão (...) tem álcool não? (...)”

– “Que fofos!”

– “Posso dar o troco em pipoca?”

Ainda no meio da festa e já tínhamos vendido tudo. Estávamos em êxtase, pois era nosso primeiro empreendimento – que foi um sucesso. Pensar no que eu faria com o dinheiro no dia seguinte era excitante demais para conseguir dormir. Revezavam em minha mente duas opções: comprar uma camiseta do Guns N´Roses (por quem fui fanática até os onze) ou comprar algo para presentear a minha mãe.

Na manhã seguinte eu tive a impressão de que até o sol estava de casaco. Então, por cima do pijama de flanela, coloquei mais um agasalho e fui à casa de Marbel, cheia de sono e sonhos. Fui a primeira a chegar. Ela e a mãe conversavam. Na verdade a mãe falava e Marbel ouvia. Quando me aproximei, a mãe dela me entregou duas notas e algumas moedas, o suficiente para comprar um sorvete com cobertura. Não conseguindo disfarçar a minha enorme decepção, enchi os olhos de lágrimas, sem deixar cair nenhuma. E a mãe de Marbel se antecipou:

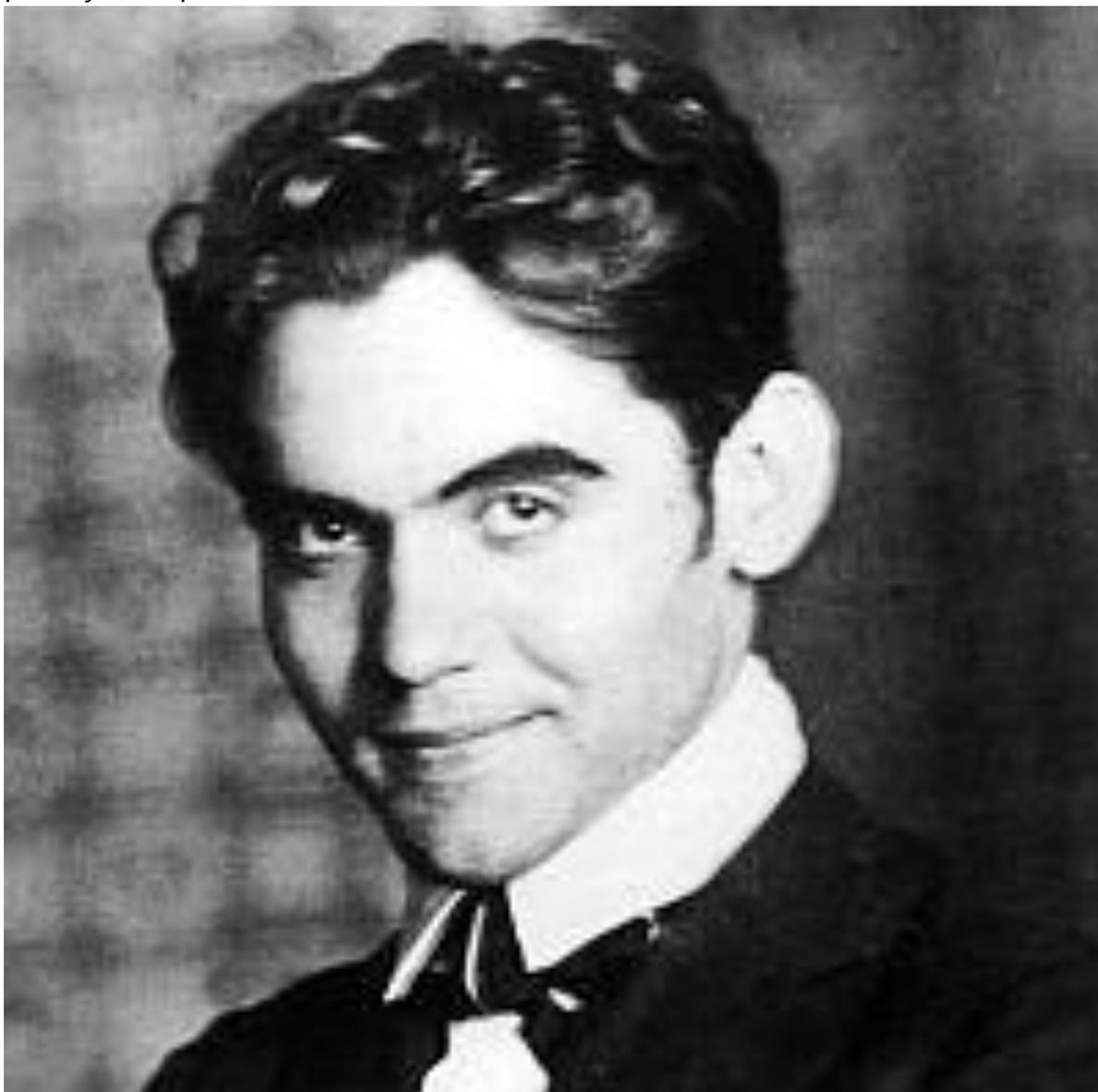
– Do lucro eu tirei a água e a energia que vocês usaram, a xícara de açúcar e a parte da Marbel. O resto dividi entre vocês.

Ouvindo aquelas palavras, tantas outras se acotovelavam em minha garganta, doidas para serem ditas. Passava pela minha mente todo o nosso esforço e senti uma sensação estranha de não querer mais o dinheiro. Era como se aqueles trocados fossem o preço da etiqueta grudada em meu sonho. Se tudo o que passava pela minha cabeça e meu coração era tão complicado de entender, imagina explicar. Meu sentimento não era raiva, era um profundo desejo de que a mãe de Marbel fosse

uma pessoa mais bonita, para que meu dia também fosse. Porém, me senti impotente. Então, já de olhos secos, respirei fundo. Olhei para o rosto daquela senhora e nada disse a ela. Peguei meus trocados, com os quais comprei não me lembro o que, e fui pra casa pensando no que eu poderia fazer para mudar aquela situação, aquele coração. Creio que nascia ali o sentimento que me fez ativista da poesia.

Do sonho acordada que inspira a ação

Um dos textos de referência para discorrermos sobre inspiração poética transmutada em ação sociopolítica é o discurso que Federico García Lorca (foto) proferiu em uma conferência em Buenos Aires e La Habana, em 1933, sobre a teoria do duende, força fundamental para entender a concepção artística espanhola e, sobretudo, a produção lorquiana.



Poeta e ativista social Federico Garcia Lorca

“Assim, pois, o duende é um poder e não um obrar, é um lutar e não um pensar. Não é uma questão de faculdade, mas sim de verdadeiro estilo vivo; ou seja, de sangue; ou seja, de velhíssima cultura, de criação

em ato. Este poder misterioso que todos sentem e que nenhum filósofo explica.”

Em seu discurso, Lorca citou e enalteceu diversos artistas virtuosos de diferentes vertentes artísticas como exemplo da “presença do duende”. Para Lorca, tal presença nos “dá sensações de frescor totalmente inéditas, com uma qualidade de rosa recém-criada, de milagre, que chega a produzir um entusiasmo quase religioso”. A perspectiva mística no fazer artístico é compreendida por cada indivíduo de forma única, sendo “o duende” chamado pelo mundo com diferentes nomes em diversas crenças e ritos. Logo a percepção sagrada ou profana de mitos e expressões artísticas sofre influência das comunidades das quais faz parte. Em muitos casos essa comunicação se dá dentro de verdadeiras Bibliotecas de Babel, tecida em infinitos diálogos entre pares que falam diferentes línguas e linguagens, conforme descrito no trecho a seguir.

“O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente”.
(BORGES, 1944. P.1)

A partir do peito para nossa comunidade

Baú-man

Líquidos amores me afagam

Líquidos amores me liquidam

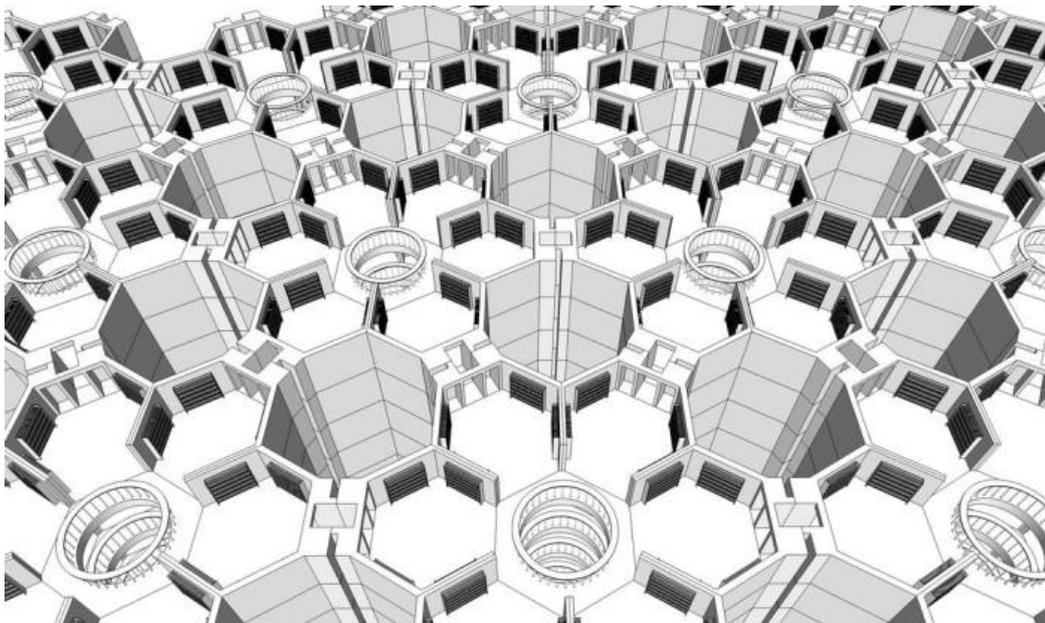
Líquidos amores se afogam

Líquidos amores me liquidificam

Nessa líquida liquidação

Líquida liquidação

A imagem abaixo proposta por Jorge Luis Borges sobre esse universo chamado “A Biblioteca de Babel” conversa diretamente com o pensamento de Zygmund Bauman no livro *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. No livro, o pesquisador discorre sobre a ideia de comunidade que carregamos em nosso conhecimento empírico é um ideal que se aproxima do paraíso ou das utopias, que se apresenta não como um fim a ser alcançado, mas um ideal a ser buscado. Tanto a utopia poética quanto o paraíso bíblico perderiam suas características essenciais de comunidade ao ser alcançadas.



Biblioteca de Babel

As tão sonhadas liberdades e segurança são premissas que não fecham silogismo. Ao gradear a casa e colocar câmeras de segurança para termos maior sensação de segurança estamos também cerceando nossa liberdade, construindo uma pequena prisão (psicológica e física) ao redor de nosso lar. Logo, liberdade e segurança são buscas ideais e não um fim a ser alcançado de fato em uma comunidade.

Outra prisão de nossa comunidade é o pertencimento a ela. Para fazermos parte de uma comunidade devemos nos identificar com ela, sentindo-se parte daquele todo, partilhando de posturas, ideias e ideais que não fujam da “cartilha coletiva” que dá o norte àquele grupo... e por que não chamarmos de grades imaginárias e empíricas? A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo; não achar a solução correta e ficar frustrado com a solução adotada não nos levará a abandonar a busca — mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la. A segurança e a liberdade são complementares, mas incompatíveis em um mundo que se busca o equilíbrio. A “secessão dos bem-sucedidos” é, antes e acima de tudo, uma fuga da comunidade.

Me nutro dessa rica mistura de culturas e saberes



Tudo na capital federal é tão setorizado que até seus habitantes são agrupados por sotaque. No caso da Ceilândia, onde a maioria é de Nordestinos, muitos novos brasilienses cresceram ao som do repente e aprenderam com seus pais a rimar e a amar a terra onde nasceram. Passaram-se os anos, vieram outras influências musicais e a sanfona dos pais se tornou a pick-up dos filhos, a xilogravura virou grafite e o rastapé agora é quase acrobático – e assim, de Repente, Ceilândia se tornou referência em Hip Hop.

Grande parte de minha adolescência morei na Ceilândia, que, pelos sprays da DF Zulu, educou meu olhar para o Grafite. Lá aprendi que o Hip Hop não é uma questão de preferência musical, mas de posicionamento social. Era 1995, eu tinha dezesseis anos e era B. Girl (dançarina de Hip Hop – foto de 1995) e fazia parte dos Cover Boys, grupo formado basicamente pela galera da Ceilândia. Nossos rachas eram geralmente em frente ao Conjunto Nacional e lá, no último sábado do mês,

resolvíamos nossas desavenças no meio da roda, com a dança... mesmo sem ter desavença alguma, só pra manter a marra.

Como eu nunca consegui fazer cara de mau, desenvolvi meu jeito de desafiar os dançarinos, que vinham de todo o DF, principalmente de Planaltina, Gama e às vezes de Goiânia. Em um desses rachas, duas enormes dançarinas vindas da capital goiana me desafiaram, entrando na roda e dançando controucê, controu vê – iguaizinhas e muito bem por sinal. Como final da apresentação, uma simulou arrancar a minha cabeça e lançar para a outra como uma bola de basquete – seus amigos aplaudiram.

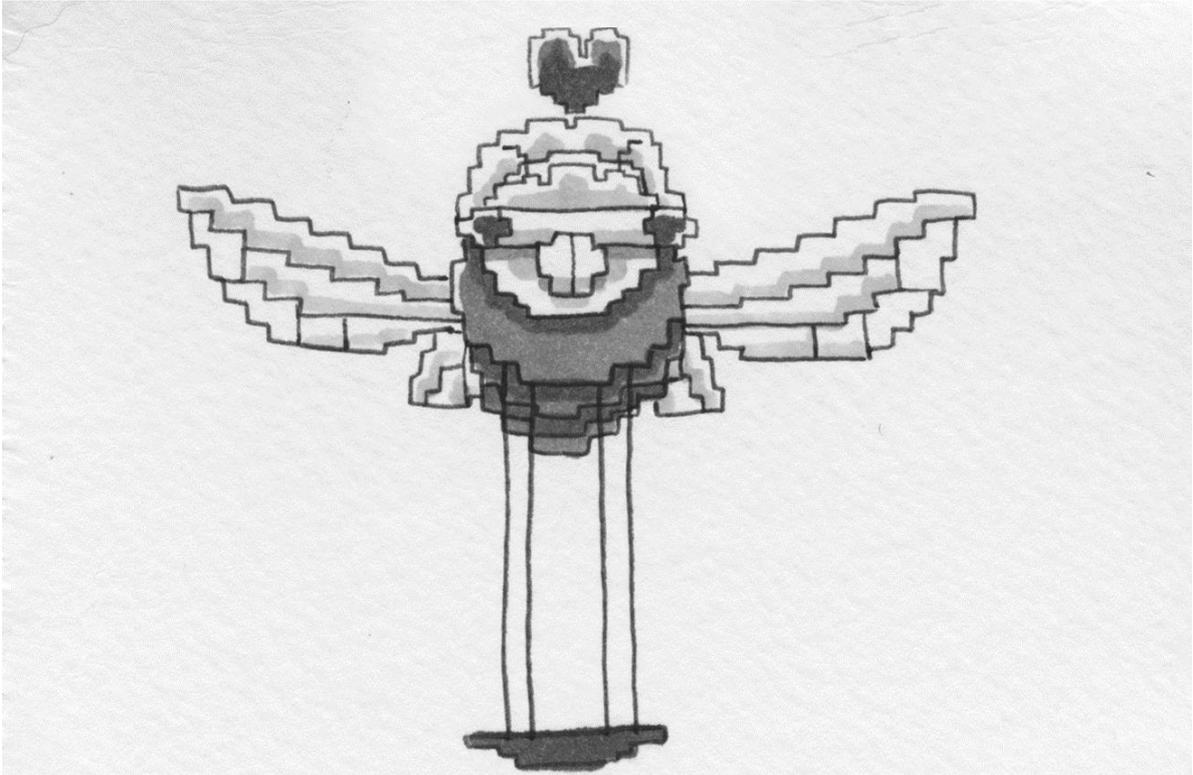
Desafiada e com a responsabilidade de representar o meu grupo, entrei na roda e mostrei tudo o que sabia. Porém, ao final, retirei meu chapéu e fingi tirar uma flor de dentro, então, Charlie Chaplimente, entreguei-a àquela que há poucos minutos havia me degolado em praça pública. A roda lo-ta-da veio a baixo em aplausos. Não satisfeita com a degola, a moça ainda me fuzilava com o olhar e eu, com meus poucos quilos, rezava para São GOG me ajudar a chegar em casa ilesa, mas sem deixar transparecer, claro.

É chegado o fim do racha e o início de meu desespero, pois a caravana-zangada de Goiânia era duas vezes maior que a nossa. Para minha sorte, eles desapareceram e eu voei rumo à rodoviária. Chegando lá procurei pelo meu ônibus, porém, o que eu encontrei foi a degoladora, bem na minha frente, parecendo ser ainda maior e mais forte devido ao meu cagaço. Ela então me estendeu a mão e disse: “até que você dança direitinho”. Eu apertei a mão dela e sorri com todos os dentes, agora, sem medo de perdê-los. Ainda no ônibus, já chegando em casa, eu e meu intacto rostinho respirávamos aliviados enquanto assistíamos a um dos mais lindos pores-do-sol que já vi – o da Ceilândia e, no meu walkman, Gog, o poeta do Hip Hop cantava o meu hino da época:

“Brasília Periferia...Brasília Periferia”.

Tão reais e digitais em nossa sociedade

*Deram um F5 na economia
Conhecimento virou ouro
Garimpado com a tecnologia
Essa que fala de sentimento
Com pixels, sons e sinergia
Ela pode ser a linguagem
Dos anjos ou do capitalismo
Depende de onde você plugar
Nossa vida é hipertextual
Amamos de forma digital
E digitalizamos cartas de amor
Eternizando-as em nosso em
Balaio RAM convergido e divergente
De bibliotecas virtuais e cognitivas
Tão vivas quanto o nosso tempo
É terra de todos e não terra de ninguém
Pois é regada com a percepção de cada um
Esse bem imaterial alvo de treta judicial
Tem que ter um veredito: é um bem da geral*



Essas bolhas culturais comunitárias nas quais vivemos são tão reais quanto o mundo virtual que é parte indissociável de nosso tempo. No livro *Cultura RAM*, de José Luis Bréa, o tipo de memória que produz a cultura não se trata somente de armazenamento de dados, mas sim de produção de processos e interconexões ativas e produtivas. Esses dados, esse conhecimento, são um organismo em constante desenvolvimento e são a matéria-prima da economia simbólica - o “novo espírito do capitalismo” e da indústria cultural.

Nessa economia de coletividade não há recepção passiva, na qual o emissor é o exclusivo autor, o leitor também produz, colaborando para essa colcha de retalhos coletiva costurada na cultura RAM de nosso tempo. A mensagem originalmente enviada não será a mesma recebida, pois as faculdades cognitivas com as quais decupamos a informação depende da formação empírica e do olhar único de cada um. A propriedade intelectual em tempos de economia sustentável se vê cada vez mais diluída nos processos participativos que culminam em uma inteligência sistêmica e democrática. Nosso sistema legislativo vigente não acompanha a velocidade desse cyber-darwinismo em constante adaptação e por isso da complexidade jurídica acerca de direitos autorais de produção imaterial.

Na cultura digital, essa irreversível transformação em nosso modo de comunicação, a produção do patrimônio imaterial é de ordem coletiva, enriquecendo a todos por meio do conhecimento compartilhado. Essas novas economias - mais criativas e solidárias - são quase um comunismo do conhecimento no qual o valor não está mais ligado à escassez, mas à abundância de informação, o que não ocorria nos ultrapassados modos de produção da indústria cultural e unilateral pré-internética. Não se trata de tirar a propriedade intelectual de alguns, mas sim de estender a todos o direito à essa informação.

A futurotopia é uma crônica otimista sobre pixels e paixões escrita na linguagem de outros mundos possíveis. Mundos que degustem a poesia contida na linguagem retroatualizável da cultura RAM. O que chamamos de real nada mais é que uma produção social, o imaginário coletivo nascido de uma constelação dispersa de perspectivas. Isso não quer dizer que o real seja simulacro ou mera representação, ele é a materialização de inumeráveis visões em choque. O termo mercado na cultura RAM poderia ser substituído por fluxo contínuo de bens imateriais em circulação permanente, esse estado constante de comunicação formado por esse quebra-cabeça de singularidades múltiplas que forma o conhecimento. Essa nova economia não está ligadas à exploração do conhecimento, mas sim à sua produção e partilha com o mundo - em suma, uma economia líquida chamada pensamento.

Os formatos livres e retroalimentados das relações dão a tônica da cultura RAM e são corroborados pela nutopia, termo sugerido por John Lennon e Yoko Ono (foto da Revista Exame) ao final do século XX, sobre a realidade cidadã de cada ser humano se definir por seu estado conceitual e não por questões geográficas, étnicas ou religiosas. A cultura RAM se desenvolve no lugar do não lugar, sem sedes, sem território, com raízes filosóficas e asas criativas fluindo na “universidade do saber, a universidade sem condição” e sem saberes absolutos, porém em constante aprimoramento, fugindo dos modelos baseados no “capitalismo do conhecimento”.



John Lennon e Yoko Ono, por Renatto Moll

A confluência entre arte e tecnologia é fértil como possibilidade de multilingagens para fruição e expressão poética, para formação de nosso inconsciente óptico, além de oferecer inovadoras formas de circulação e compartilhamento da informação. A tecnologia possibilita a materialização da poesia em pixels, flashes, paisagens sonoras e linguagens editadas em um poderoso dispositivo de produção cognitiva, o nosso olhar. Essa “e-image” seria por definição uma “imagem-tempo”, o nosso grande memorial do ser.

Nossa história evolutiva está escrita em nosso “museu RAM”, um espaço de conectividade de impressões sobre o passado e o futuro, traçando o caminho das inovações e a formação de nossos empíricos traços culturais. Os formatos de

produção e consumo da indústria cultural e de entretenimento vem passando por fortes transformações. Hoje seu principal capital é sua produção imaterial. Porém, junto à imprescindível democratização do conhecimento, veio a mercenarização do discurso crítico e a multiplicação de informações que atendem a arbitrários interesses políticos e econômicos diluídos em sua mensagem não mais imparcial.

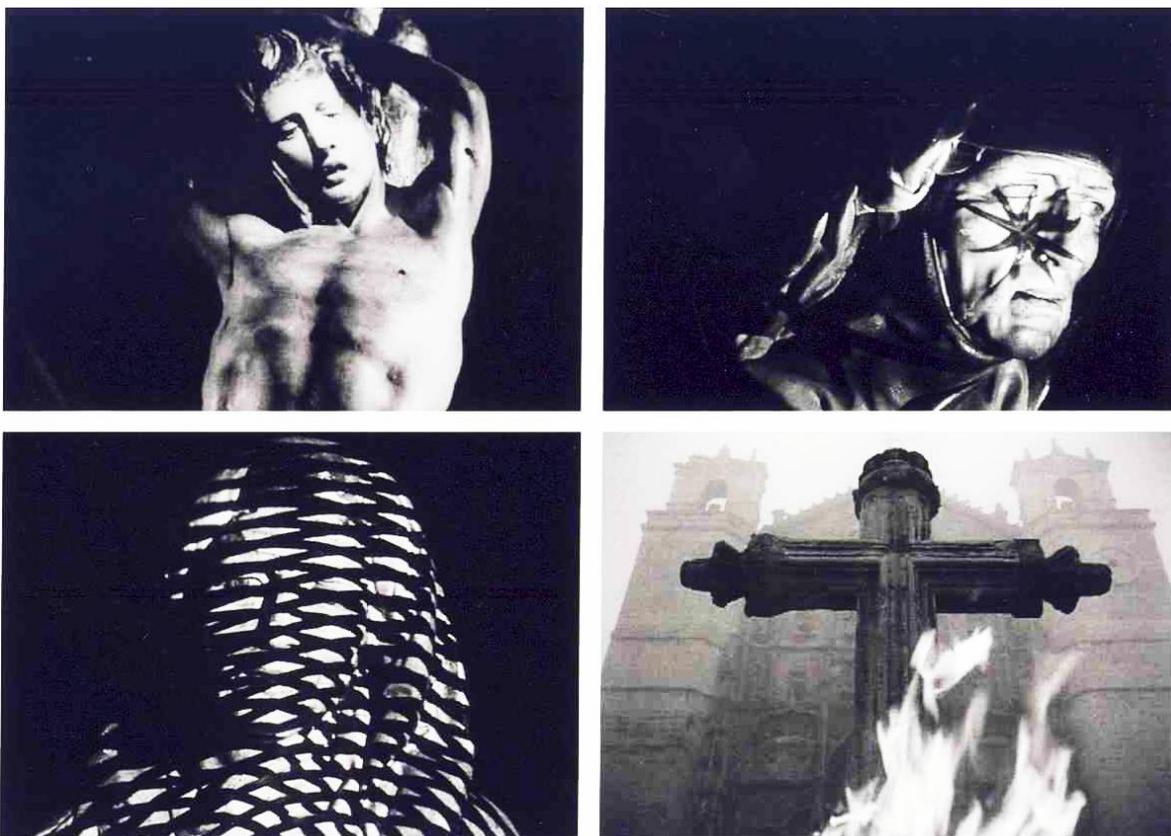
Segundo o pesquisador Walter Benjamin:

“É vasto o horizonte a partir do qual temos que repensar a ideia de formas ou gêneros literários em função dos fatos técnicos de nossa situação atual, se quisermos alcançar as formas de expressão adequadas às energias literárias de nosso tempo”.
(BENJAMIM, 1985. P.31).

Mil telas são mil janelas para universos diferentes, mil possibilidades de conexão real e diversa pautada na produtividade e na atualidade, na fabricação e não somente no armazenamento de conhecimento. A pesquisa universitária, assim como outras fontes de fruição de conhecimento, favorecem no desenvolvimento cognitivo, edificando um pensamento crítico autônomo e não-condicionado, o que difere o povo da massa.

Onde pixels e paixões pintam paisagens

A escolha de José Val Del Omar, amigo inseparável e companheiro ideológico de Federico Garcia Lorca, para este capítulo se deu por seu ímpeto místico e poético em sua produção cinematográfica e acadêmica.



Imagens de filmes de José Val De Omar

“O que denomino aqui de contracartografia opõe-se aos modelos tradicionais de mapas fornecidos por estados e elites. Se o Estado usa a cartografia para ocupar, destruir ou controlar, porque não podemos subverter e usar as ferramentas cartográficas a favor das lutas sociais, valorizando um processo colaborativo e dialógico de produção de mapas? Desconstruir e reconstruir o mapa alargando o seu território crítico, recusando as convenções estabelecidas e propondo novos usos e conteúdos, são etapas de uma ação que leva ao apontamento

das condições sociais, políticas e econômicas que queremos criticar, evidenciar e transformar”.
(MESQUITA, 2017)

O tipo de memória produzida com o uso da tecnologia para a difusão poética e literária na atualidade não se trata somente de armazenamento de dados, mas sim de produção de processos e interconexões ativas e produtivas. Esses dados, esse conhecimento, são um organismo em constante desenvolvimento e são a matéria-prima da economia simbólica - o “novo espírito do capitalismo” e da indústria cultural.

“A cidade, portanto, não pode mais ser estudada como uma máquina maciça. Nós chamamos esses dois subsistemas de “circuito superior” ou “moderno” e circuito inferior.” Milton Santos – O Espaço Dividido, p.16, 1979.

Nessa afirmação de Milton Santos, compreendemos que nossa sociedade se divide em duas principais zonas de influência:

Circuito superior = monopólios, indústria cultural de massa

Circuito inferior = costumes, cultura popular, dialetos, sotaques

A cartografia literária tem como foco a produção do patrimônio imaterial de ordem coletiva, enriquecendo a todos por meio do conhecimento compartilhado. Essas novas economias - mais criativas e solidárias - são quase um comunismo do conhecimento no qual o valor não está mais ligado à escassez, mas à abundância de informação, o que não ocorria nos ultrapassados modos de produção da indústria cultural e unilateral pré-internética. Não se trata de tirar a propriedade intelectual de alguns, mas sim de estender a todos o direito à essa informação.

“Cartografia é o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização.”
Associação Cartográfica Internacional – ACI (1966)

Segundo Javier Ortiz-Echagüe em sua obra: José Val Del Omar - Escritos de Técnica, Poética e Mística Capítulo foco:

“Me sinto submerso em um ser que palpita. As concatenações lógicas nos ligam e nos aprisionam. Mas eu busco a luz esférica meta-mística.” (Val Del Omar, 1935).



José Val del Omar em seu laboratório

A obra científica e multimídia e poética e ativista e filosófica de José Val Del Omar, nascido em 1904 na Espanha, até os dias atuais se mantém como vanguarda e

contemporânea pela linguagem tecnolítica alcançada com seus inventos audiovisuais e utopias. Como cientista e inventor, Val Del Omar criou engenhocas para produção de sons, luz, imagem e sensações para expressar sua poesia, sua mística. Essa junção da mecânica com a mística foi batizada pelo autor como Mecamística, estética presente em seus filmes, principalmente no Fuego en Castilla, finalizado em 1960. Na película de 17 minutos, Del Omar projeta imagens produzidas por seus inventos sobre esculturas do barroco espanhol dando vida, intenção e movimento às obras, em sua maioria sacras.

A criação de linguagens a partir da interconexão de técnicas e tecnologias é uma marca tanto na obra cinematográfica quanto na obra escrita desse artista tão plural em sua expressão e tão singular humanamente. Para que a expressão verbal alcançasse o significado de sua obra, Del Omar criou vários neologismos e recursos estéticos em sua escrita. Ele não fazia questão de usar corretamente a acentuação e as regras gramaticais por não se prender a padrões que possam podar sua expressão. A sobreposição de silhuetas, feixes de luz, paisagens sonoras, elementais e elementos da natureza compõe a atmosfera fílmica do Del Omar, esse xamã sinestésico e multimídia. No filme Aguaespejo Granadino, de 1955, por exemplo, o diretor transforma fontes de água em elementais dançarinos. O fogo (Fogo em Castilla) e o barro (Acariño Galaico) também são elementos naturais presentes em sua obra e devidamente mesclados ao olhar multiartístico de José Val Del Omar.

O olhar sobre o novo, sobre o extraordinário, o encantamento presente, principalmente, no olhar das crianças, é parte essencial do discurso do autor, que usa sua arte como ferramenta de lapidação social e humana. Seus dispositivos ópticos multifuncionais ornados com cristais côncavos e convexos expressam sua poesia em feixes, som e sinestesia, por esse motivo seria muito reducionista chamar esse multiartista somente de cineasta ou cientista ou artista – para muitos ele é “o poeta do cinema.”

“Quando se ama se está fora do tempo”, Garcia Lorca. O ativismo lírico de Del Omar extrapolou as salas de cinemas e os muros das academias. Essa pedagogia sinestésica que acontece em uma sala de cinema é para Del Omar sua mais

poderosa ferramenta contra a opressão e outras violências modernas. Del Omar foi importante líder na luta contra a colonização cultural pelo cinema americano e participou de importantes movimentos sociopolíticos na Espanha.

“DEUS MEU! Quero trazer seu reino de amor e de unidade a esse Vale das Diferenças, onde nos plantaram como palpitações. Eu sei que as diferenças constituem a fonte das energias. Que a discórdia é inevitável. Que a vida é luta. Que vivemos à custa de outras vidas. Mas seu que tu me mandas amar graciosamente e estabelecer uma justiça sem balanças. Sei que tu me mandas perseverar na loucura de me doar. DEUS MEU!” (Oração do cinematurgo - Val Del Omar, 1957)

Para Del Omar, o cinema é um sistema amplificador de nossa visão e a tela de cinema uma enorme retina coletiva. A sala de projeção é o globo ocular. O público é uma congregação de espectadores partilhando a mesma retina. A vista é o tato à distância ou tactivisão, neologismo criado pelo artista que só faz cinema se for por um grande objetivo poético. A junção mecânica com a mística de todos esses elementos, Del Omar chamou de Mecamística.

Para Del Omar, o extraordinário está nas entranhas do cotidiano. E sua mecamística herda essa estética inspirada nas coisas pequenas do dia a dia, nas sutilezas tão recorrentes na inspiradora obra poética de seu amigo Garcia Lorca no século XX. Del Omar enxerga a arte do encontro promovido em uma sala de cinema como um poderoso ato de subversão ao sistema opressor da vida moderna que nos convida à reclusão em nossos universos particulares e solitários. Del Omar tem o cinema como um facilitador de experiências, uma lanterna mágica que usa a eletrônica para se teledistribuir. Essa lanterna ilumina o caminho para tempos e olhares remotos e segundo ele, “o tempo é uma angústia com asas de fogo e é também a melhor cara de Deus”.

O técnico une-se ao mágico no cinema de Del Omar, causando diversas sensações no público, todas com foco no encantamento, no lapidar das consciências e na nutrição sensorial e humana de seus espectadores, que abrem lacunas em seus sonhos para que ele possa inserir os seus.

No capítulo a chave mística de uma bioeletrônica espanhola, Val Del Omar se inspira no poema de Rainer Maria Rilke e nos brinda com uma reflexão poética acerca do tempo.

“Deus é o tempo, o transparente e mudo que nos acolhe em seu fluido sem contorno. Para senti-lo temos que fechar os sentidos e nos voltar para nós mesmos. O tempo é a primeira energia bruta de toda a vida. O tempo em permanente união amorosa; no tempo se está sem pés no solo; raízes e asas são a mesma coisa, suspensos na intuição de consciência coletiva”.

“Eterônimo - Quando a Palavra vira Pixel”

Poeticamente inspirada na textura fílmica de José Val Del Omar, a experimentação de multilinguagens Eterônimo – Quando a Palavra vira Pixel é uma miscelânea entre a poesia multimídia de minha autoria a as vídeo projeções do acervo do pesquisador em Arte e Tecnologia Jackson Marinho. O processo criativo da performance engloba as técnicas de reconhecimento de voz e vídeo projeção por meio dos softwares Processing, Google Chrome e Resolume para transformar em éter as palavras e os pixels em poesia. Na apresentação utilizo instrumentos rústicos de diferentes etnias e nacionalidades para criar paisagens sonoras em uma loop station. Sob as projeções e sonoridades a poeta fala seus poemas sobre ativismo lírico e nosso

universo hipertextual. Já o figurino foi confeccionado e idealizado a partir do conceito de éter como matéria-prima para criação poética. A peça única se remete a um enorme papel amassado e simbolicamente é o momento que escapa a alma do escrito e não enviado ou dito. A barra do vestido foi ornado com páginas de dois livros BlasFêmea, de minha autoria. Além do visual exótico, o figurino é um instrumento de percussão utilizado na performance, sonorizando ventos e chocalhos.



Elaboração do figurino com folhas do livro meu livro BlasFêmea para a apresentação Eterônimo



Flyer da apresentação *Eterônimo – Quando a palavra vira pixel*

Biblioráculo - o sagrado e o profano no fazer artístico



Esta reflexão tem com desejo discorrer sobre as perspectivas do profano e do sagrado no fazer artístico sob uma ótica sistêmica e poética. Meu ponto de partida é a intervenção BIBLIORÁCULO, uma vivência cartográfica que envolveu poesia, magia e tecnologia dentro da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE) em 27 de junho de 2017 sob coordenação do professor Christus Nóbrega da disciplina Tópicos Especiais em Poéticas Contemporâneas I. O intuito da intervenção foi trabalhar a Cartografia Afetiva a partir de livros e autores relacionados a temas socioculturais abordados nesta dissertação. Para interagir com esse universo, o visitante do Biblioráculo teve que decifrar uma das 13 dicas-poema que o conduziu à sua caixinha mágica. Para chamar a atenção do público, foi instalada uma fonte ornamentada com flores, colares, rendas, água de cheiro e um QR Code na entrada da BCE que leva ao endereço www.marinamara.com.br/biblioraculo.

Ao todo foram 35 caixas de acrílico vermelho-cigana escondidas pela biblioteca, próximas ao livro ou autor citado no poema, contendo elementos do profano e do sagrado, segundo cada olhar. Cada caixinha foi delicadamente montada pelo Biblioráculo e contém poesia erótica, preservativos, lubrificantes íntimos e ervas desidratadas para banho. São elas: casca de imburana, rosas vermelhas, capim aruanda, angélica, melissa, cipó de índio, calêndula, rosa branca, manjeriço e alecrim.



Instalação do projeto BIBLIORÁCUL – BCE UNB

DICAS-POEMA (e sua localização “secreta até então”)

1 – Lorca - Número de chamada: 860 G216a

Para Garcia Lorca

Existe um Duende

Chamado inspiração

Quando ele aparece

A arte ganha alma

E a obra, coração

O Duende te aguarda

Nos escritos do poeta

Reza a superstição

2 – Livro: Bíblia - Número de chamada: 22.05=690"1965" B582b 1965 A

O cinexamã Val del Omar

Inventou a Mecamística

Onde a visão é tátil

E a tela é nossa retina

Seus filmes elementais

São de arte e sagrado

E onde a bíblia estiver

Seu mimo estará ao lado

3 – Jung - Número de chamada: 159.964.26 J95Pr =690

O inconsciente coletivo

É herança e ancestralidade

Que pulsa em cada ser vivo

São símbolos e sonhos

Que sonhamos juntos

Para chamar de realidade

Em meio aos arquétipos

E outros assuntos

Há uma oferenda de Jung

À sua curiosidade

4 – Fernando Pessoa - Número de chamada: 869.0 P475b

Fernando Pessoa fazia poema
Na máquina, no muro, na pena
Mas a poesia nasce do olhar
Sua ilha de edição
Dirigida por esse comboio
De cordas que se chama coração.

5 – Pierre Verger - 326.1(655.2:814.2) V496f 2. ED =690

Exú rege as
ações humanas
é o movimento
é a boca que
come o mundo
para alimentar você
com um tesouro
Que se esconde
Nos livros de
Pierre Verger
laroyê!

6 – Jorge Amado - 869.0(81) A481a

sagrada e profunda
como fé de pescador
perfumada e fecunda
como santa no andor
encantando com
flor de laranjeira o ar
lemanjá tem uma prenda
Onde Jorge Amado está
Odojá!

7 – Carybé - 398.4(6) V496Or

Minha mãe Oxum
Tem coração de pedra
Lapidada pelo rio e pela fé
Ela guarda seu ouro
Junto aos traços de Carybé

8 – Vinícius de Moraes - Número de chamada: 869.0(81) M827a C

O canto de Ossain
Te chama para
O baile das folhas

Que dançam

Ao vento dos versos

Que o Vinícius

Escreveu para você

9 – Flusser - Número de chamada: 235.2 F647h

Vilem Flusser era de touro

E com a ponta do chifre

Escreveu A história do Diabo

10 – Borges - 860(82) B732.Yms

Jorge Luis Borges

Sabia bem o seu papel

E como bom virginiano

Pensou em cada detalhe

Da Biblioteca de Babel

11 – Bauman - 301.185.2 B347L =690

Para Zygmunt Bauman

Líquidos amores afagam

Líquidos amores liquidam

Líquidos amores se afogam

Líquidos amores nos liquidificam

Nessa líquida liquidação

12 – Bashô - 895.6 B299h =20

Oxóssi é mata

Que não morre

Nem com fogo

Nem com serra

Pois de sua terra

É guardião e senhor

Sua essência é

De natureza

Assim como os

Haikais de Bashô

Okê arô!

13 – Constituição - Número de chamada: 342.4(81)"1988" B823c 2007

Xangô tropeja

Proteção

E justiça no

Caminho dos

Filhos seus

Para que na

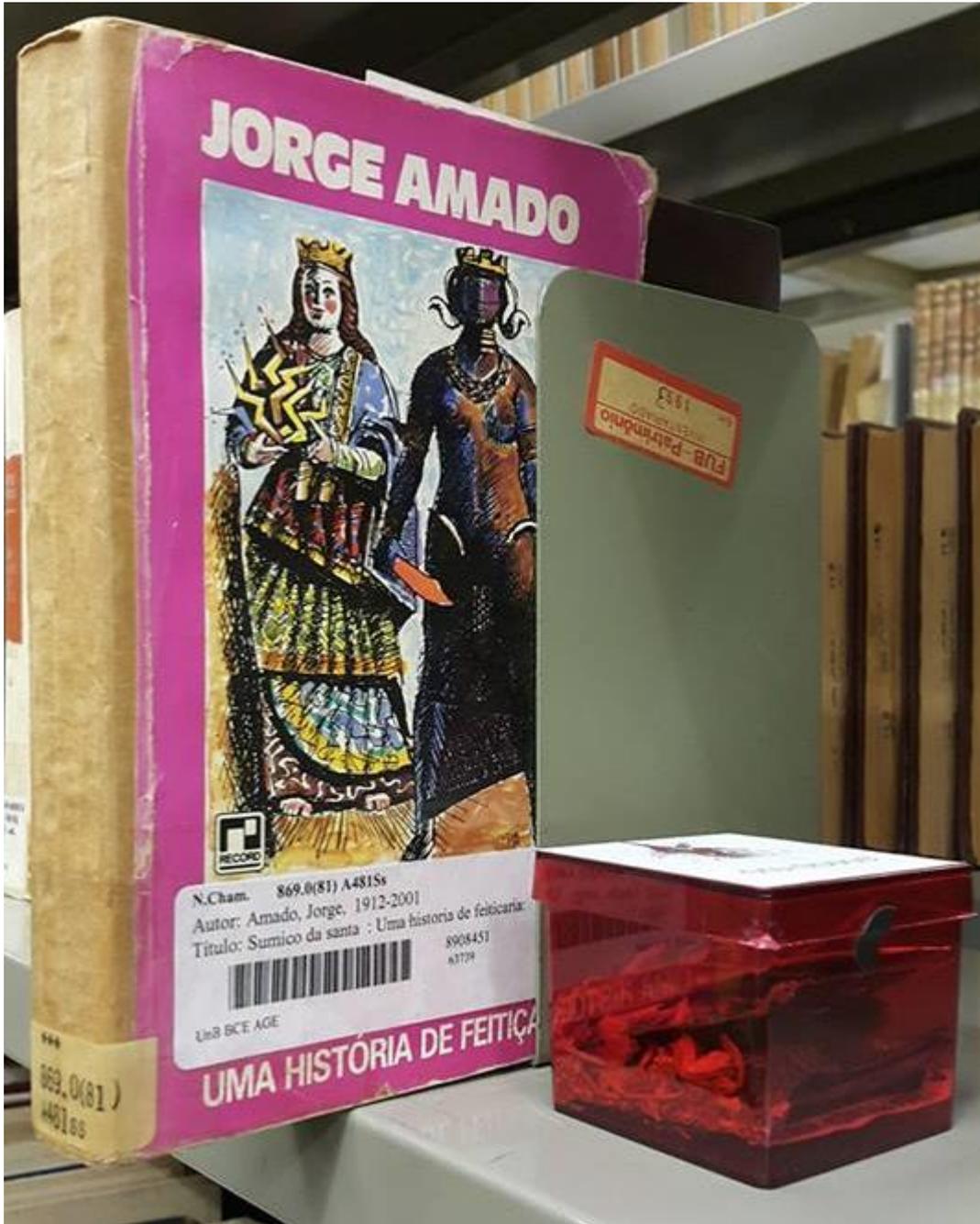
Caminhada

Nunca vacile

Ele é a real

Constituição

Kaô cabecile!



Caixinha localizada nos escritos de Jorge Amado

E as paradas poéticas são obrigatórias



Brasília, março de 2012, sete horas da manhã. Seu João, usuário da parada de ônibus da 703 Sul, se aproxima de seu ponto e nota que o concreto está coberto por poemas e lindas ilustrações – e sorri, meio desajeitado pela falta de costume (...)

Cenas como essa que escrevi acima me invadiram a imaginação nos dois últimos dias pós-Parada Poética. Imaginar a reação da comunidade ao deparar-se com poemas e ilustrações cobrindo uma parada de ônibus, que antes era tão pálida, me

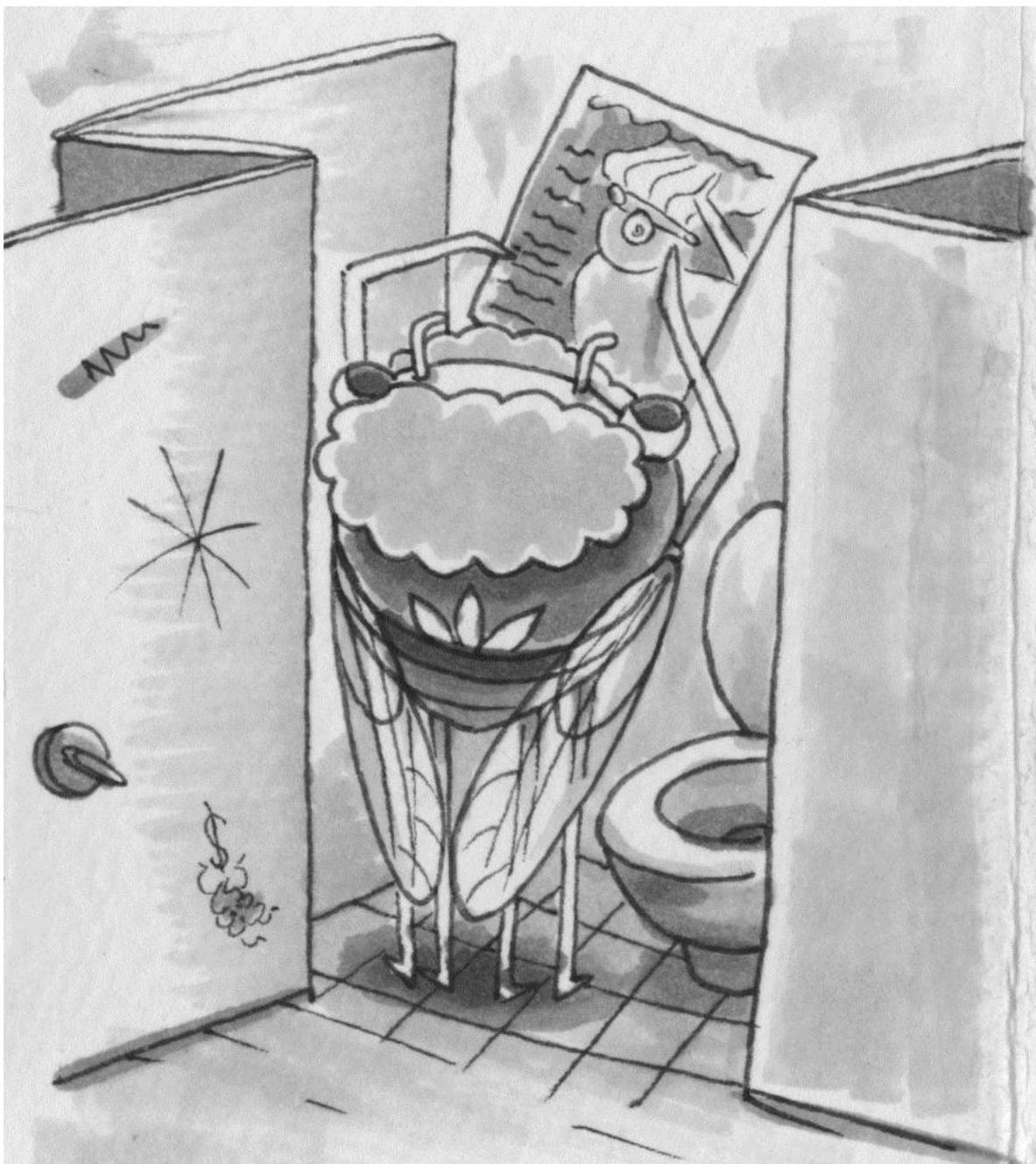
faz sentir apaixonada, com borboleteamentos no coração e tudo. Na parada também foi instalada uma estantezinha de livros de poetas locais – sempre aberta à doações. Olhando a parada de longe dá a impressão de vermos uma colcha de retalhos tatuada na paisagem urbana e, de perto, os detalhes, rimas e tons encantam principalmente pelo inusitado de estar ali.

Em 1997, na mesma parada de ônibus que hoje está vestida de Poesia, o índio Pataxó Gaudino dos Santos foi covardemente queimado por jovens brasileiros. Desde então, sempre que eu passava por ali, sentia uma aflição no peito – condenando o Gaudino do meu imaginário a ficar em chamas para sempre. Porém, hoje, aquela praça se tornou (pelo menos pra mim) sinônimo de poesia e símbolo de um movimento de ocupação dos espaços públicos com arte e com gente.



Imagens da Parada Poética 2012

Nem que sejam no sanitário público



Brasília, primavera de 2009. De pressão em pressão a vida foi engolindo meus sonhos, minhas horas: de pressa, depressão. Quando entendi que minha saúde física e mental dependiam do bem estar do meu coração e isso se resumia a “viver em poesia”, pedi demissão do meu emprego na esfera pública e coloquei a cara (e a coragem) no sol. Reaprender uma profissão foi um delicioso desafio e a cada dia direciono meus passos rumo ao meu sorriso e a minha paz. Após 4 livros publicados

e mais e 100 projetos dedicados ao ativismo literário, sinto que no meio do caminho é que está o tesouro, é no plantio de autoestima e coragem nos corações que toco.

Lá em 2009, com o objetivo de democratizar a cultura, pari o projeto Sarau Sanitário, que englobava a publicação de meu primeiro livro com uma ação social bem inusitada, espalhei mil cartazes com os poemas do livro por diversos banheiros públicos do Distrito Federal. Além de colocar o livro para download gratuito, disponibilizei os poemas em áudio, com fundo musical de artistas da cidade, e, também, distribui uma versão em Braille dos cartazes, transcrita pela Biblioteca Braille Dorina Nowill, de Taguatinga-DF. O projeto contou com ilustração da artista plástica taguatinguense Clarice Gonçalves, que tem as cores e sabores do feminino como fonte principal de inspiração.

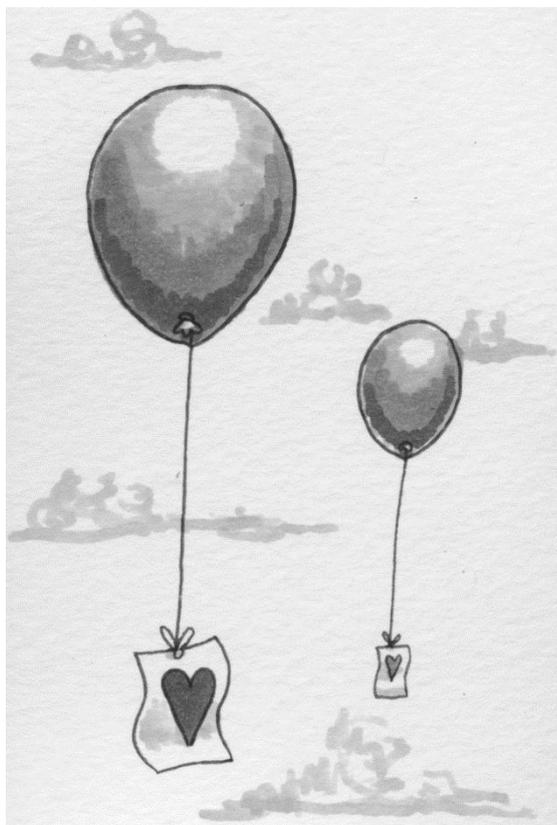


Capa do livro Sarau Sanitário (2010) – Arte de Clarice Gonçalves



Lançamento do livro Sarau Sanitário ao lado da ilustradora Clarice Gonçalves

Ou no meio do caminho de Drummond



No meio do caminho tinha uma poeta brasileira morando no Rio de Janeiro com uma sacola cheia de livros e o coração cheio de sonhos. Era parte do meu itinerário passar em frente à estátua do poeta Carlos Drummond de Andrade à beira do mar de Copacabana, momento que eu aproveitava para pedir a bênção e arriscar algum verso novo. “E agora, Carlos?” eu perguntava para saber sua opinião sobre o verso novo e outras prosas. E foi em uma dessas “conversas” que brotou a ideia de fazer um projeto em sua homenagem, com a cara de sua poesia, nasceu ali o Declame para Drummond, um projeto de circulação de poemas autorais de tema livre que já distribuiu meio milhão de poemas pelo Brasil.

O Declame para Drummond tem a alegria de contar com a participação de centenas de poetas que tiveram seus poemas espalhados pelo meio do caminho desse vasto mundo que é nosso país. Na prática o projeto funciona assim: o poeta envia seu poema autoral de tema livre para mim. Após ler cada poema e responder aos poetas sobre detalhes operacionais, os diagramo e envio de volta aos poetas que se responsabilizam por imprimir os poemas e distribuir pelo meio do caminho em sua

cidade. Pode ser em um sarau, pode ser no semáforo, no parque, na feira, na escola, pode ser feito um varal de poesia, aí quem manda é a criatividade de cada poeta. Atualmente o projeto conta com vários saraus e ações poéticas promovidas pelos poetas em suas cidades. Esse projeto é cara do Drummond, que deu oportunidade a tantos poetas, até então desconhecidos da cena literária, como Lygia Fagundes Telles e Cora Coralina. O Declame é poesia viva circulando pelas veias e vias do Brasil. Por um país mais poético e uma cena literária mais democrática – Declame para Drummond!



Imagens do Declame para Drummond 2014 pelo Brasil

A repercussão midiática do projeto Declame para Drummond

1. A Voz da Serra - <http://bit.ly/22p7Ged>
2. Acha Brasília - <http://bit.ly/1sPSY47>
3. Blog Cultive Ler - <http://bit.ly/1RqxRJU>
4. Blog Cultura de Roraima - <http://bit.ly/1Udtciy>

5. Cabine Cultural - <http://bit.ly/1XUDoiQ>
6. Concursos Literários - <http://bit.ly/25h7kb8>
7. Correio Braziliense - <http://bit.ly/1OTQT0p>
8. Correio Braziliense - <http://bit.ly/1YZoJS6>
9. Declame 2014 em Portugal - <http://bit.ly/1Udtciy>
10. Diário da Manhã - <http://bit.ly/1sPTzmm>
11. Diário Popular - <http://bit.ly/1szUITz>
12. EBC - <http://bit.ly/1NMRNM1>
13. EBC - <http://bit.ly/1TWBWa5>
14. IMS – <http://bit.ly/1NMSdSC>
15. Jornal Agora - <http://bit.ly/22p68AT>
16. Jornal iTEIA - <http://bit.ly/1TzJa4f>
17. Mucury Cultural - <http://bit.ly/1WOBvVN>
18. O Miraculoso - <http://bit.ly/1TzGQdq>
19. Portal G1 - <http://glo.bo/1WOBwsr>
20. Portal Olho Vivo - <http://bit.ly/1s9UKMx>
21. Portal Porto Ferreira Hoje - <http://bit.ly/1s9W1U2>
22. Prefeitura de Itatiba – SP - <http://bit.ly/22p66sL>
23. Recanto das Letras - <http://bit.ly/1szU9nf>
24. Revista Biografia - <http://bit.ly/25h7teD>
25. Tribuna do Norte - <http://bit.ly/1qJlJ0m>



Poema do projeto Declame para Drummond 2018 sendo entregue de canoa no Rio Amazonas

24 • Cidades • Brasília, quarta-feira, 6 de agosto de 2014 • CORREIO BRAZILIENSE

LITERATURA / Poetisa brasiliense promove a terceira edição de intercâmbio de poemas. Autores podem enviar material por e-mail. No dia do aniversário do poeta mineiro, em 31 de outubro, a coletânea será declamada pelo país

Versos para Drummond

» PALOMA SUERTEGARAY

Há quem pense que poesia é apenas para estudiosos, e que poetas como Carlos Drummond de Andrade só podem ser apreciados pelos leitores mais cultos. Segundo a poetisa e produtora cultural brasiliense Marina Mara, no entanto, não há nada mais equivocado. Para ela, a rima e o verso fazem parte do cotidiano e devem ser acessíveis a todos. Com essa ideia, criou o projeto *Declame para Drummond*, evento de intercâmbio de poemas autorais, em homenagem ao renomado escritor mineiro. Este ano, a iniciativa chega à terceira edição e já recebeu mais de 100 contribuições, em apenas um mês.

Pessoas de todo o Brasil são convidadas a enviar poesias para o e-mail do projeto, até 1º de outubro. "A curadoria é apenas o bom senso do autor. Mandem o que acham que têm de melhor", explica a organizadora. Depois, as peças serão reunidas em uma coletânea, que poderá ser baixada no site de Marina. A proposta é que os participantes imprimam e distribuam os poemas em suas cidades ou, inclusive, que organizem saraus e outras intervenções, no dia do aniversário de Drummond, 31 de outubro — ele nasceu em Itabira do Mato

Janine Moraes/CB/UA Press



Marina Mara criou o projeto em 2010, quando morava no Rio e observava a estátua de Drummond

Dentro (MG), em 1902, e morreu no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1987.

"Além de celebrar a obra do poeta, o objetivo do projeto é difundir o gosto pela literatura. As pessoas acham que não é assim, mas a poesia é algo que sempre pertenceu ao povo", diz Marina.

O Declame para Drummond também é uma forma de dar espaço para novos e pouco conhecidos escritores brasileiros. "Tem muita gente que escreve, mas não tem como chegar aos leitores. O evento pode ajudar a mostrar o trabalho dessas pessoas", acrescenta a poetisa.

A primeira edição do evento aconteceu em 2010, no Rio de Janeiro. "Morei lá durante dois anos, perto de onde fica a estátua de Drummond. Costumava ir caminhar no calçadão e lhe dar bom dia. Foi esse contato diário que me deu a ideia de fazer o evento", diz Marina. Então, ela

» Para participar

Interessados podem enviar seu poema para o e-mail declameparadrummond@gmail.com. O tema é livre.

Mais informações: www.marinamara.com.br

entrou em contato com amigos escritores e pediu que lhe enviassem contribuições.

Marina imprimiu todas e montou uma instalação ao lado da estátua de Drummond, no aniversário de 108 anos do escritor: um varal de poesias. No dia, foram distribuídos cerca de mil poemas. Ela não esperava, mas até a família de Drummond acabou aparecendo. "Eu os tinha convidado, mas nem imaginava que iriam, foi uma surpresa maravilhosa", completa.

Sucesso

A organizadora decidiu passar a fazer o evento de dois em dois anos. "Na edição de 2012, comecei a disponibilizar a coletânea on-line. Era o aniversário de 110 anos de Drummond e recebi

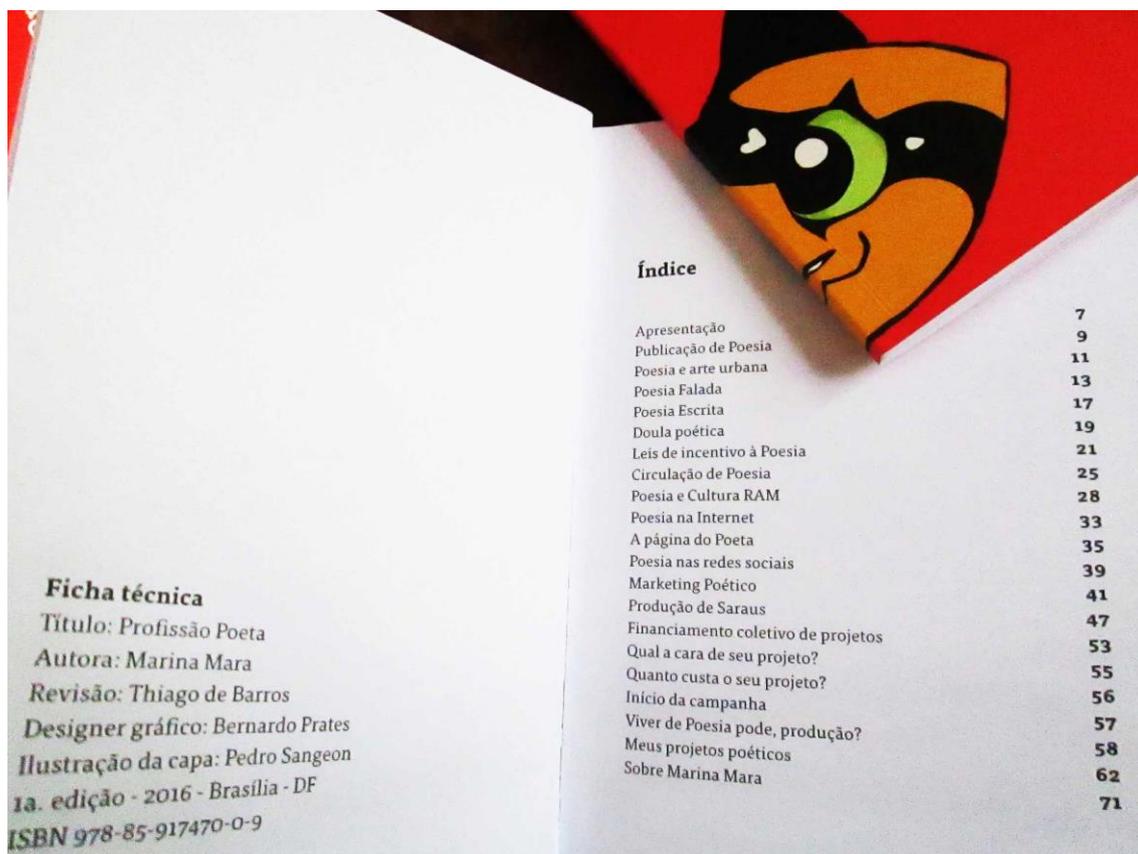
exatamente 110 poesias", descreve. Contabilizando todos os downloads do arquivo, foram cerca de 50 mil poemas distribuídos por todo o Brasil. Contagada pelo espírito poético, a escritora e atriz Lília Diniz, 41 anos, moradora do Recanto das Emas, foi uma das participantes. "Marina me falou sobre a iniciativa e enviei um poema. Acabei me empolgando e organizei um sarau na minha casa. Cerca de 50 amigos compareceram, foi maravilhoso", lembra.

Em São Paulo, a administradora de empresas Bárbara Leite convocou colegas de trabalho para espalhar poesias em um supermercado. Eles esconderam poemas entre os produtos para que fossem encontrados por outras pessoas. "Fomos parados (por seguranças) na seção de refrigerantes", brinca Bárbara, que ficou sabendo do projeto de Marina via internet. O grupo também distribuiu poesias em frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp).

O sucesso do *Declame para Drummond* chegou até a Europa. O morador de Brasília Elicio Pontes, 73 anos, viajou para a Itália com a mulher, na época do evento, e levou alguns poemas. "Fomos a Roma, Veneza e Florença. Quando encontramos alguém que falasse português, entregávamos uma poesia", conta o aposentado.



Ser poeta é profissão e também missão

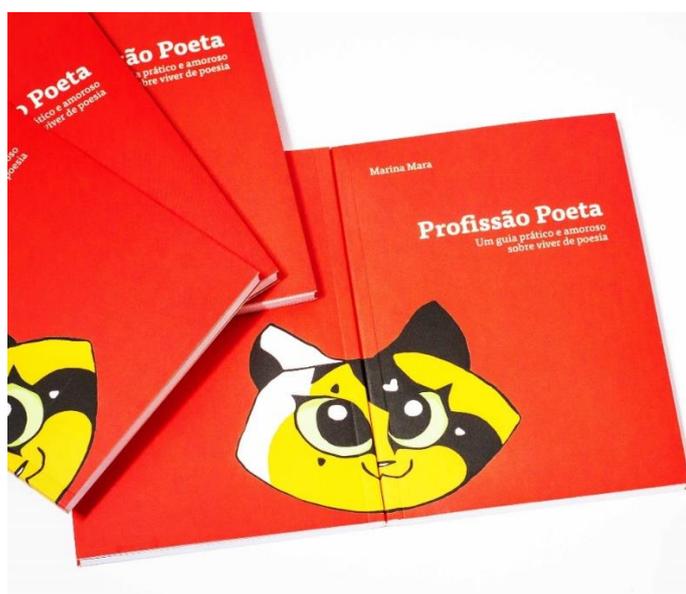


Livro Profissão Poeta

Após mais de uma década ministrando cursos, oficinas e palestras sobre poesia, ativismo literário e gestão da carreira artística pelo Brasil, lancei em 2017 o livro *Profissão Poeta – Um Guia Prático e Amoroso sobre Viver de Poesia*. Com uma linguagem acessível e descontraída, abordo temas como publicação de livros, captação de recursos, leis de incentivo à literatura, cultura digital, produção de saraus, poesia falada, financiamento coletivo de projetos, marketing, entre outros. O intuito do guia *Profissão Poeta* é oferecer aos poetas, escritores e produtores literários um caminho para formação de público leitor e para viver de sua própria arte de forma poética e sustentável.

Com a disseminação da cultura digital e da economia criativa, a indústria cultural de massa vem perdendo força de persuasão e exclusividade junto ao grande público, permitindo ao artista viver de sua arte de forma independente, sem se tornar refém do mercado editorial para ser lido. O que me estimulou a escrever o livro foi a falta de apoio do estado e de políticas públicas realmente democráticas e contínuas para a literatura. O “Nós por Nós” é a base afetiva e ideológica da publicação.

Deixar a alma respirar e lapidar os olhares sobre o mundo, é essa a função social dos poetas e artistas ativistas. Com a disseminação da cultura digital e da economia criativa, essa indústria vem perdendo força de persuasão e exclusividade junto ao grande público, permitindo ao artista viver de sua arte de forma independente, sem se tornar refém do mercado editorial institucionalizado para ser lido.



É cartografar a poesia em cada passo



Repercussão do PoemApp e Profissão Poeta na mídia

Após cartografarmos os passos e projetos que foram o embrião do PoemApp, conheçamos agora nosso Mapa da Poesia do Brasil. Imagina chegar em uma cidade e saber tudo sobre sua cena literária com apenas um clique? Com o aplicativo gratuito PoemApp será possível divulgar e localizar os poetas, saraus, bibliotecas, slams, feiras literárias e editoras. No desejo de conectar a poesia ao público e à cena literária nacional, foi desenvolvido o aplicativo PoemApp – O Mapa da Poesia do Brasil, também disponível no site www.poemapp.com.br. Faça parte do PoemApp - O Mapa da Poesia do Brasil!

O PoemApp - o Mapa da Poesia do Brasil é uma cartografia da cena poética e literária do Brasil em forma de aplicativo para smartphone Android e website. Para publicar seus eventos, sites, saraus, pontos de leitura, slams, baixe gratuitamente o aplicativo PoemApp em seu celular Android de forma rápida e suave. Pelo aplicativo é possível inserir direto no mapa os seus pontos de poesia. As informações inseridas pelos usuários do aplicativo estarão disponíveis para consulta tanto no aplicativo

quanto pelo site. Um ano após seu lançamento, o aplicativo PoemApp já é referência em cartografia poética no Brasil.

Equipe PoemApp

Marina Mara – Poeta idealizadora do PoemApp - www.marinamara.com.br

Suzete Venturelli – Coordenadora da equipe MediaLab - UnB

Bernardo Prates – Designer Gráfico

Pedro Sangeon – Identidade visual

Jonathan Venturelli - Programador

Glauco Pereira - Programador

Sidney Medeiros - Programador

Thiago de Barros – Pesquisador

É parir versos e mandar para o mundo
Nas ruas e muros por onde passar



Era um sonho do artista mais que brasileiro Athos Bulcão que sua arte se tornasse carnaval, que tivesse textura de povo e riso. É por isso que colocaremos o bloco Rejunta meu Bulcão na rua, para dizer um EU TE AMO à nossa querida Brasília. O

bloco Rejunta meu Bulcão foi idealizado no Rio de Janeiro em 2013, por brasilienses saudosos que ali moravam, porém, só em 2015 ganhou as ruas e os corações de Brasília. O tema do Rejunta meu Bulcão é Carnaval da Paz, tão bem representada na pomba símbolo maior de Bulcão e seus Athos.

Hoje o bloco Rejunta meu Bulcão ganhou grande visibilidade mundo a fora por celebrar a obra de um dos mais importantes artistas brasileiros da atualidade. Em 2019 levamos 11 mil foliões para as ruas de Brasília trajados com a obra de Athos Bulcão.

A realização do Rejunta meu Bulcão é também a realização póstuma do sonho de Athos de ver o povo vestido com sua obra nas ruas, trajando suas realidades com fantasia. Desde sua gênese o bloco presta homenagem aos principais artistas e “figuras” que são a cara da nossa cidade. Já foram homenageados (e em 2019 serão muitos mais) Célia Porto, Hugo Rodas, Ary Para-Raios, Nicolas Behr, Os Melhores do Mundo, Seu Teodoro, Martinha do Côco, Noélia Ribeiro, Reynaldo Jardim, Lydia Garcia, entre outros.

Nossa campanha de comunicação terá artistas ligados a Brasília como “modelos” e será composta por artes gráficas a serem divulgadas em nossas redes sociais, além de cartazes A3 a ser espalhado pela cidade, estações o metrô, etc e adesivos da campanha a serem distribuídos durante o bloco. Além da paz, nossa campanha aborda outros temas como o racismo, a homofobia, a LGBTfobia, a misoginia, entre outras violências que queremos banir de nosso bloco e de nossa sociedade.

...tenho alma de passarinho
que no azulejo azul marinho
bateu Athos e voou...

A relevância cultural do Bloco Rejunta meu Bulcão para a cidade é o sentimento de pertença e amor por Brasília. Athos é a nossa principal identidade visual, é nossa essência azulejada em Athos de Bulcão. Tamanha era essa alma carnavalesca e Athos que em 2018 a Fundação Athos Bulcão direcionou a campanha do Calendário 2019 às suas ilustrações e prestando uma linda homenagem ao bloco Rejunta meu Bulcão – veja o vídeo neste link <https://bit.ly/2Trctxz> .

A principal pertinência temática deste projeto talvez seja o fato de Athos Bulcão ser um apaixonado por gente, por Brasília e pelo Carnaval. Seu grande sonho era ver o povo colorindo as ruas da cidade com sua arte, era ver suas pinturas carnavalescas saírem das paredes para ocupar os corpos e as ruas da cidade que escolheu para morar. Segundo Bené Fonteles, multiartista e amigo de Bulcão, "Athos era um apaixonado pelo Carnaval. Se vivo ele estivesse certamente estaria em êxtase no bloco feito em sua homenagem."

Em 2018 celebramos o centenário de Athos Bulcão e a EBC fez uma linda reportagem intitulada Caminhos da Reportagem | Athos de Arte, exibida em rede nacional e que se encerra com a emocionante participação do Bloco Rejunta meu Bulcão – veja neste link <https://bit.ly/2zkzv0O> . Já em 2015 o bloco ganhava espaço na Rede TeleSur, levando nossos Athos de Carnaval por diversos países – veja no link <https://bit.ly/2TrdW73>.

A meta principal do Bloco Rejunta meu Bulcão é celebrar a cultura local e o carnaval por meio da arte de Athos Bulcão, celebrar o artista e emanar paz no Carnaval. E para tal garantimos conforto, segurança e muita diversão aos nossos foliões que têm entre 8 e 80 anos. Um importante desdobramento econômico de nosso evento é a contratação direta de 44 seguranças, 13 brigadistas, cerca de 100 artistas, produtores, artistas gráficos, entre outros, formando uma rede colaborativa carnavalesca profissional e amorosa em 2019. Um desdobramento sociocultural importante é o fortalecimento dos laços com nossa cidade, nossa arte e nosso povo – o que temos de melhor. Nossa meta é inserir a identidade visual da cidade no imaginário carnavalesco de seus foliões, que tomarão as ruas vestidos “de Brasília”. O que queremos alcançar com a execução da proposta é o céu de Brasília com nossa alegria, mostrando que a capital do país tem carnaval, tem cultura e espera por seu povo para celebrar a cidade e a diversidade.

Imagens da Campanha #Rejunta na Paz 2019, arte de Estúdio GUNGA



**ANCESTRALIDADE
NÃO É FANTASIA,
É REALIDADE!**

BLOCO
**REJUNTA
MEU BULCAO.**

2 SETOR BANCÁRIO NORTE
SÁBADO 15H AS 21H
DE MARÇO

#Rejunta
na PAZ

**MEU AFETO
TE AFETA?**

BLOCO
**REJUNTA
MEU BULCAO.**

2 SETOR BANCÁRIO NORTE
SÁBADO 15H AS 21H
DE MARÇO

#Rejunta
na PAZ

**▲ VICTORIA AMOR!
SERÁ DO AMOR!**

BLOCO
**REJUNTA
MEU BULCAO.**

2 SETOR BANCÁRIO NORTE
SÁBADO 15H AS 21H
DE MARÇO

#Rejunta
na PAZ

#Rejunta
na PAZ

**CONCURSO
DE FANTASIA**

MERCÊS PARENTE
VENCEDORA DO
CONCURSO DE 2018!

BLOCO
**REJUNTA
MEU BULCAO.**

2 SETOR BANCÁRIO NORTE
SÁBADO 15H AS 21H
DE MARÇO

**CARONA
SOLIDÁRIA** SE BEBER
NÃO DIRIJA!

**REJUNTA
MEU BULCAO.**

#Rejunta
na PAZ

2 SETOR BANCÁRIO NORTE
SÁBADO 15H AS 21H
DE MARÇO

BLOCO
**REJUNTA
MEU BULCAO.**

2 SÁBADO
DE MARÇO
15H AS 21H SETOR BANCÁRIO NORTE

#Rejunta
na PAZ



Crônica da Cidade

por Severino Franciso >>> severinofranciso@diabre.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Bulcão na folia

O carnaval era uma das paixões de Athos Bulcão. Um dos fatos que considerava mais relevantes de sua infância no Rio de Janeiro é o de ter morado perto de Vila Isabel. Noel Rosa, o grande sambista da Vila, era amigo do irmão de Athos. Ele ia para as ruas com as primas. Em uma folia, chegou a ser colocado dentro de um carro, com a capota arriada, onde desfilava Noel.

As batalhas de confetes na célebre Rua dos Artistas, no Rio de Janeiro, inspiraram a última (longa e fecunda) safra de magníficos desenhos, em cores e preto e branco, de Athos. Eu estava escrevendo uma biografia sobre ele e todos os dias em que visitava seu apartamento mostrava, com felicidade de menino, os desenhos que fluíam de sua pena em ritmo frenético.

As conexões de Athos com o carnaval eram intensas. Mas o que reacendeu a imaginação dele para a festa, nos tempos de Brasília, foi a leitura das crônicas de Nelson Rodrigues sobre o furor causado pelo umbigo de uma odalisca durante a folia. Todos queriam ver: era o

máximo de imoralidade.

Athos evocou esse clima carnavalesco de Vila Isabel em uma série de desenhos. Entretanto, mais do que uma reminiscência da infância, o envolvimento com o carnaval marcou a visão estética de Athos. Suas cores têm a vibração da festa popular brasileira; e suas figuras, Algo de alegria carnavalesca/teatralizada.

Uma das coisas que deixavam Athos mais feliz era ver a sua arte apropriada pelas crianças e pelos adolescentes. Por isso, posso dizer, com certeza, que entraria em estado de alucinação ao ver a sua obra ser transformada em um bloco de carnaval, o Rejunta meu Bulcão.

Tímido, ele chegaria, anônimo e sorrateiro, até a 202 Norte, na Praça dos Prazeres, e ficaria feliz de ver as pombas do Espírito Santo que desenhou para a Igreja da 108 Sul encimando as cabeças em adereços prateados reluzentes. E mais contente ainda em constatar a presença de muitas crianças e muitos jovens em seu bloco. Algumas máscaras que inventou parecem uma suculenta pizza pop derramada. Poderiam ter sido utilizadas em capa de algum disco da Legião Urbana ou do Capital Inicial.

É possível imaginar que, embora registrasse a falta de marchinhas, sentiria o coração bater mais forte no ritmo da fusão de sua arte de vanguarda com a

cultural popular do bloco afro Asé Dudu, de Taguatinga, que animou a festa. Somente a cultura pode provocar a interação entre mundos diferentes e transformar energia plástica em energia sonora.

Certamente, Athos sorriria de satisfação ao deparar-se com sua arte apropriada, vestida e colada no corpo em azul e branco. E chegaria ao êxtase máximo se a concentração dos próximos carnavais fosse realizada na belíssima sede definitiva da Fundação Athos Bulcão, que o arquiteto e parceiro João Filgueiras Lima, o Lelé, desenhou para o amigo, no Exo Monumental, em instante de alta inspiração.

**Em cada verso que minha boca falar
Ou minha máquina teimar em escrever**

Em meados dos anos setenta, quando a poesia marginal tomou corpo, o termo “declamar poesia” caiu por terra, sendo substituído pelos mais moderninhos por “falar poesia”. Nascia ali a Poesia Falada, que pretende aproximar-se ao máximo da naturalidade da fala, fazendo o poema parecer-se com uma conversa. Falar um poema é interpretá-lo, assim como fazem cantores e atores – nesse caso, o personagem a ser interpretado é o poema.

*meus dedos
sorriram quando
te fiz uma poesia
o teclado virou piano
e cada letra
melodia*

Poema bom é aquele que brinca com os sentidos ao mesmo tempo que comunica sua poesia. Eis a receita para escrever poemas com poesia. De um modo mais didático, entendamos o papel da poesia, do poema e do poeta. Diferentemente do que muitos acreditam, poesia e poema não são palavras sinônimas. A poesia não precisa de grafia para existir: ela pode estar em um raio de sol, em um gesto ou até mesmo em fatos inusitados do dia a dia, que, pelas mãos (e olhos) dos poetas, se transformam em poemas.



Meus livros publicados até maio de 2019

“E agora, Cora?”



Após essa viagem no tempo tendo minha cartografia poéticoativista como rota, sinto que chegamos à estação da primavera, na qual sonhos florescem como realidade. A criação do PoemApp – O Mapa da Poesia do Brasil é a materialização de sonhos que desde menina me acompanham, como o de melhorar as pessoas com poesia para que elas melhorem o mundo.

Nossa caminhada por minhas questões sociopolíticas, culturais, líricas e utópicas descritas nesta pesquisa são uma leitura particular sobre a situação atual do ser humano contemporâneo, da cultura de massa que consome e os danos para humanidade decorrentes dessa apatia em relação às outras pessoas. Foi para combater essa falta de empatia no mundo que pari tantos projetos poéticos e ainda é só o começo. E se fosse possível resumir toda a pesquisa em um verso, esse seria:

*ser romântico é achar
que tudo são flores
ser poético é plantá-las*

Fontes de inspiração

ADORNO, Theodor Wiesengrund & HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento – Fragmentos filosóficos. Editora Zahar Editor. Rio de Janeiro – RJ, 1985.

ATKINS, Robert. Política, participação e significado na era da mídia de massa. Rio de Janeiro – RJ, 2013.

BAUMAN, Zygmund - Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRÉA, José Luis. Cultura RAM, mutações da cultura na era de sua distribuição eletrônica. Editora Gedisa, 2007.

BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In:_____. *Ficções*. Tradução de: Carlos Nejar. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 61-70.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 22. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2. ed. Org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, “Ditos e Escritos, III”.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

SANTOS, Milton, O Espaço Dividido, p.16, 1979. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro.

MORIN, Edgar. Cultura de Massa no Século XX, vol. 1. Editora Forense Universitária, 9ª edição. Rio de Janeiro – RJ, 1997.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.